CatÁlogo de ArtesanAto

Território
Tupi
Guaporé

POVOS INDÍGENAS
de
Rondônia
e
Mato Grosso

Ficha técnica

Organização: Tatiana Tintino e Maria Barcellos, Forest Trends

Revisão: Equipe da Iniciativa Comunidades e Governança Territorial da Forest Trends no Brasil (Equipe FT) – Maria Barcellos, Muyara Ruiz, Nicia Coutinho, Suellen Mangueira, Tatiana Tintino

Projeto gráfico, ilustrações e diagramação: Lica Donaire - Ecotoré Serviços Socioambientais

Fotografia: Jony Wagner e Silas Campos

Realização: Iniciativa Comunidades e Governança Terriorial da Forest Trends (ICGT-FT)

Diretor da ICGT-FT: Beto Borges

Gerente da ICGT-FT: Debora Batista

Coordenadores do Projeto Nossa Floresta Nossa Casa: Marcio Halla e Nicia Coutinho

Parceria: Povos e Organizações Indígenas do Mosaico Tupi

Parceiros estratégicos: Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), Centro Internacional para Agricultura Tropical (CIAT) e Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA)

foto: Lica Donaire

Este catálogo é fruto da colaboração entre a Iniciativa Comunidades e Governança Territorial da Forest Trends (ICGT-FT) e os povos indígenas de Rondônia e Mato Grosso, região recentemente conhecida como Tupi Guaporé.

O Tupi Guaporé é um vasto território entrelaçado por corredores de áreas protegidas, incluindo o Corredor Ecológico Binacional Itenez-Mamoré-Guaporé, os Corredores Etnoambiental Tupi Mondé e o Tupi Kwahiva. Nesses corredores, habitam aproximadamente 28 povos indígenas e comunidades tradicionais, totalizando cerca de 10 mil pessoas, das quais 8.076 são indígenas, e as demais são compostas por castanheiros, seringueiros e extrativistas.

A riqueza desse território transcende suas fronteiras geográficas, abrigando patrimônios culturais, sociais e ambientais que reverberam globalmente. A diversidade cultural se expressa nas 20 línguas indígenas, divididas majoritariamente entre o Tronco Tupi com diversas famílias, línguas Macrô Jê e algumas línguas isoladas.

A atuação proeminente da Forest Trends concentra-se no recorte denominado de Mosaico Tupi, compreendendo Terras Indígenas como Igarapé Lourdes, Kwazá do Rio São Pedro, Rio Branco, Rio Mequéns, Roosevelt, Sete de Setembro, Tubarão Latundê e Zoró. Juntas, essas terras totalizam aproximadamente 1,5 milhões de hectares e abrigam 5.881 indígenas, representando 21 diferentes povos.

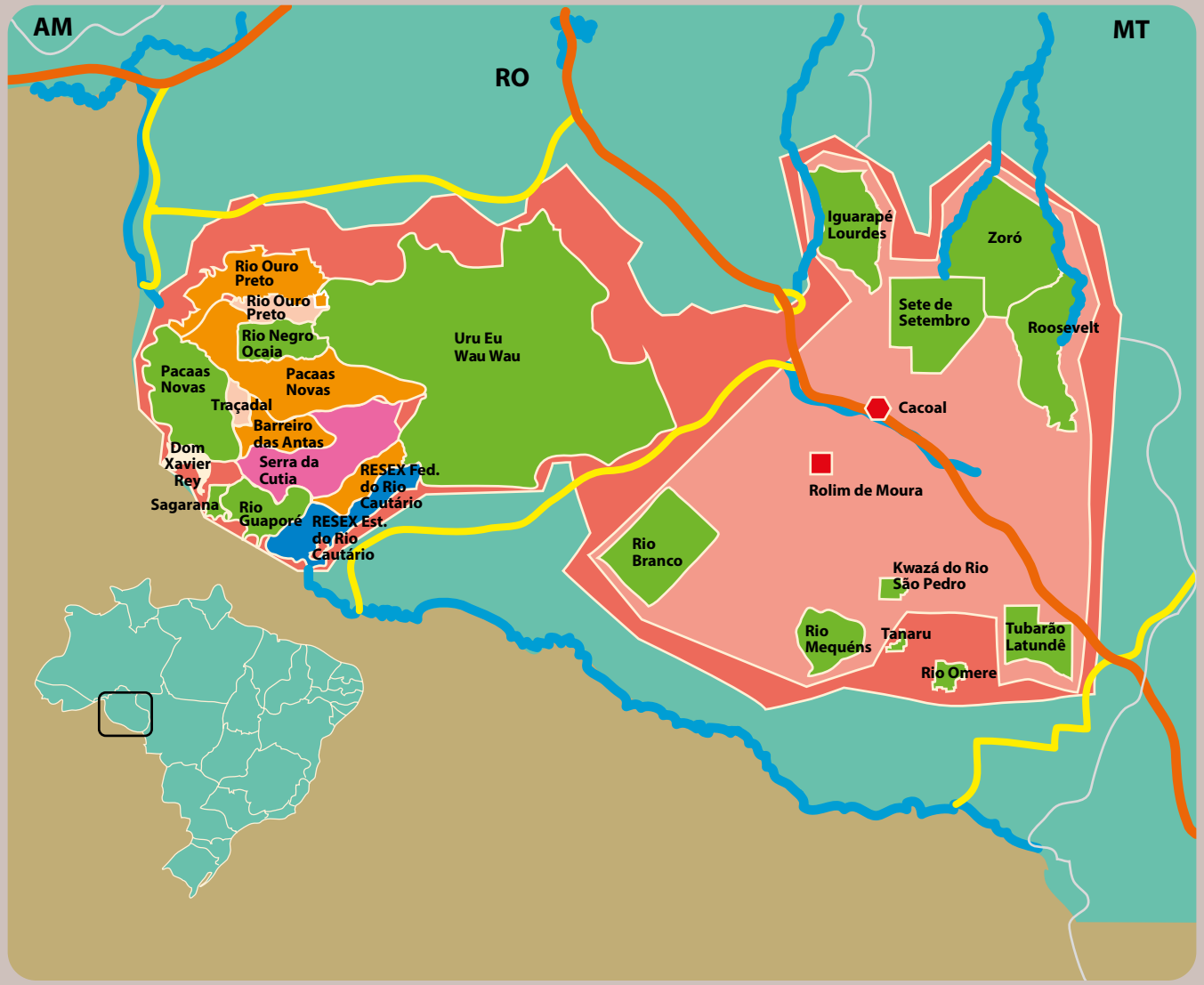
A missão na região baseia-se no fortalecimento das cadeias da sociobiodiversidade, visando aumentar a resiliência, o bem-estar e as oportunidades de geração de renda por meio de iniciativas econômicas indígenas. Isso é alcançado através do enfoque na governança territorial, fortalecimento de organizações comunitárias, valorização cultural, segurança alimentar, garantia de direitos, meios de vida e conservação da floresta em pé.Foram diversos os desafios que buscamos superar durante esses anos de trabalho, entre eles estão a dificuldade de coleta das matérias primas essenciais para a preservação das tradições culturais de alguns povos, e a entrada em mercados externos qualificados – aquele que geralmente está disposto a valorizar mais, inclusive financeiramente, o artesanato de povos e comunidades tradicionais.

A organização dos grupos de mulheres também foi um gargalo a ser enfretado, desde a governança até a utilização de ferramentas e processos de gestão avançados. Além disso, em geral, os grupos contavam com poucas estratégias de comunicação para agregar valor aos seus produtos, implicando na dificuldade em difundir sobre o impacto socioambiental que a atividade proporciona, assim como também de compartilhar histórias, valorizando o território e as artesãs por trás dos produtos. Mesmo diante desses desafios, estamos constantemente superando obstáculos. Neste contexto, este catálogo emerge como uma janela para o extraordinário trabalho das mulheres artesãs desses territórios. Mais do que apenas exibir as peças artesanais produzidas, ele reflete os resultados do processo conduzido com esse público ao longo dos anos de atuação da Forest Trends na região.

Assim, para chegar no levantamento e catálogação das peças de acordo com a cultura e criatividade das novas gerações, esse trabalho envolveu previamente um robusto acompanhamento técnico, com formações e fortalecimento de capacitades e conhecimentos sobre aspectos de gestão e comercialização, além do fortalecimento institucional das organizações de mulheres e apoio na governança da cadeia de valor nos territórios. Como resultado desse esforço, podemos observar mulheres indígenas cada vez mais ocupando espaços em tomada de decisões dentro de seus territórios, bem como, a progressiva conquista da autonomia financeira com a finalidade de melhorar as condições de vida de suas famílias.

Ao explorar este catálogo, convidamos você a apreciar a habilidade e criatividade por trás de cada arte e artesanato indígena. Desejamos uma leitura inspiradora e que essa experiência desperte seu encantamento pela riqueza cultural e ambiental desses territórios.

Mapa - TERRITÓRIO TUPI GUAPORÉ



- América do Sul
- Brasil
- Terra Indígena
- Projeto de Desenvolvimento Sustentável
- Reserva Biológica Federal
- Parque Nacional
- Reserva Extrativista Federal
- Reserva Extrativista Estadual
- Cacoal
- Rolim de Moura
- Mosaico Tupi
- Rios
- Rodovias Federais
- Rodovia Federal BR364

Terra Indígena
ROOSEVELT

sobre a Terra Indígena

ROOSEVELT

Faz parte do mosaico de quatro territórios entre Rondônia e Mato Grosso, onde vive o povo conhecido como Cinta Larga, assim denominado pelos não indígenas em razão da larga faixa de entrecasca de árvore que os homens desse povo usavam na cintura. Falam língua do grupo Tupi e família Mondé.

Massacres violentos, sendo o mais conhecido, o do “Paralelo 11”, surtos epidêmicos de sarampo, gripe e outras doenças determinaram uma brutal perda populacional entre os Cinta Larga e permearam, desde o contato, a vida desse povo, cujo território, é constantemente pressionado por madeireiros e garimpeiros.

Rompendo com esse passado traumatizante e sombrio e enfrentando os desafios atuais, as mulheres Cinta Larga, desde as jovens até as mais velhas, buscam se organizar com objetivo de resgatar e fortalecer diversos aspectos da sua cultura ancestral. Com esse norte bem definido, se unem e realizam reuniões e oficinas, promovendo momentos especiais de resgate de conhecimento da produção dos delicados artefatos de sua cultura material.

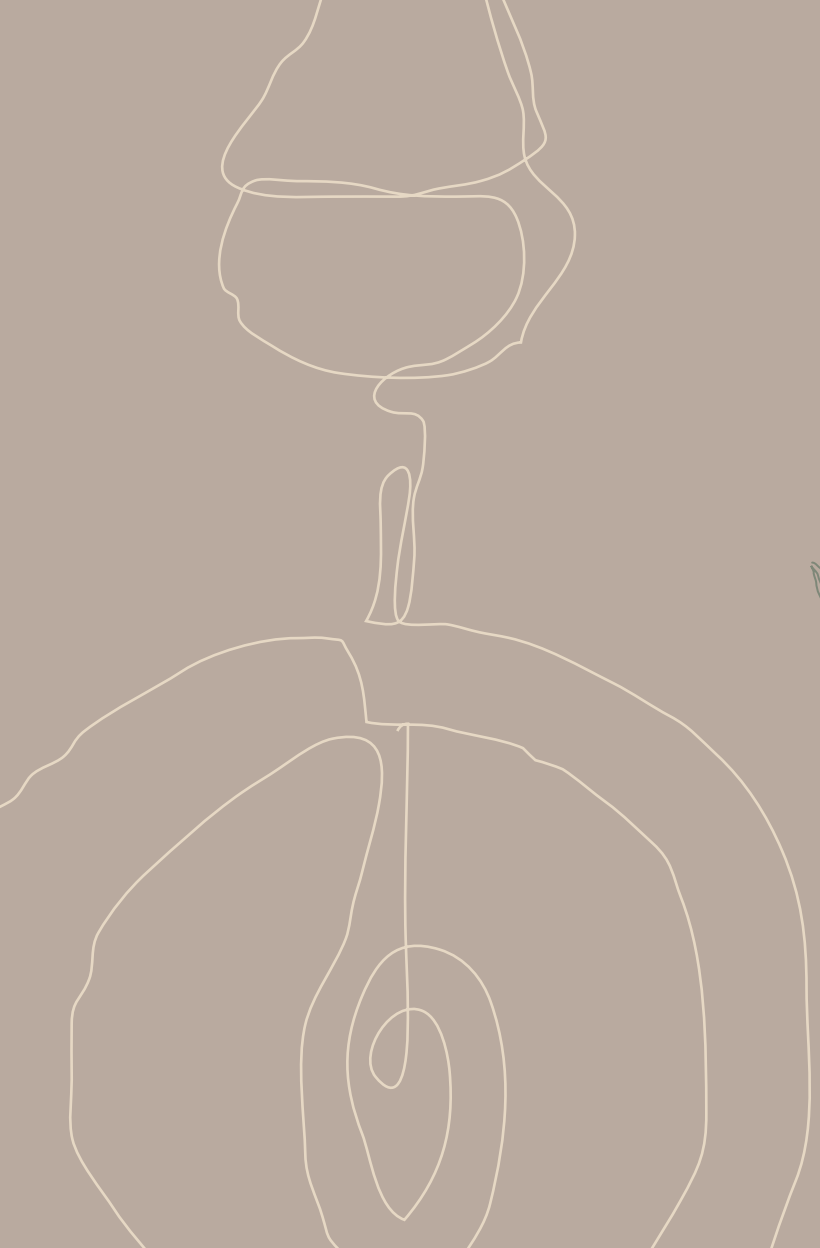
O labor das mulheres artesãs Cinta Larga, vai além das alegres incursões pela floresta para coletar as matérias primas com as quais confeccionam os delicados artefatos que produzem. Sem perder o encanto mítico da tradição milenar de suas mães e avós, cantam e dançam em torno das árvores que produzem sua mais sofisticada matéria prima, que chamam de "chicaba"[1], pedindo autorização ao espírito da árvore, mãe do fruto, para sua retirada. Esse fruto é utilizado na confecção da maioria dos colares e se destacam dentre outros na região, por sua coloração, textura e beleza. Os coquinhos tucumã[2] e inajá[3], são largamente utilizados nos colares, brincos e pulseiras, de forma criativa e harmônica. As palhas do buriti possibilitam a confecção da cestaria para diferentes usos.

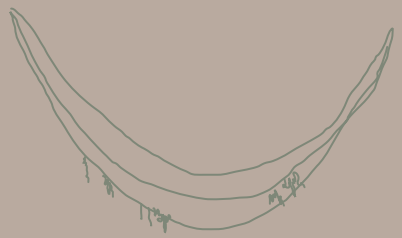
1. Chicaba – Espécie de árvore do bioma Amazônico.
2. Tucumã – Espécie de palmeira amplamente utilizado na região norte como forma de alimento, matéria-prima para artesanato e outros fins.
3. Inajá – Espécie de palmeira que produz sementes utilizadas no artesanato.

Desde as pequeninas às grandes “tatias”[4], as palhas são trançadas simetricamente e dão origem a grafismos diferenciados, perceptíveis quando se olha com atenção para a peça. Cestos utilitários ainda utilizados nas lides da roça, continuam sendo confeccionados em diferentes formas. O algodão tradicional, utilizado para confeccionar redes e tipoias, é fiado pelas mãos hábeis das mulheres mais velhas e ensinado às jovens, nas oficinas de fortalecimento e resgate da cultura, assim como outros artefatos de confecção mais sofisticada.

Com visão de futuro, essas mulheres se unem para coletar sementes e plantá-las no território para que não venham faltar, e assim, organizadas e corajosas, vão construindo um futuro que almejam para si mesmas, suas famílias e seu povo.

4. Tatias – Cestos, na língua materna do povo Cinta Larga.





PRODUTOS

da Terra Indígena Roosevelt

colares

R 001

R 002

R 003

R 004

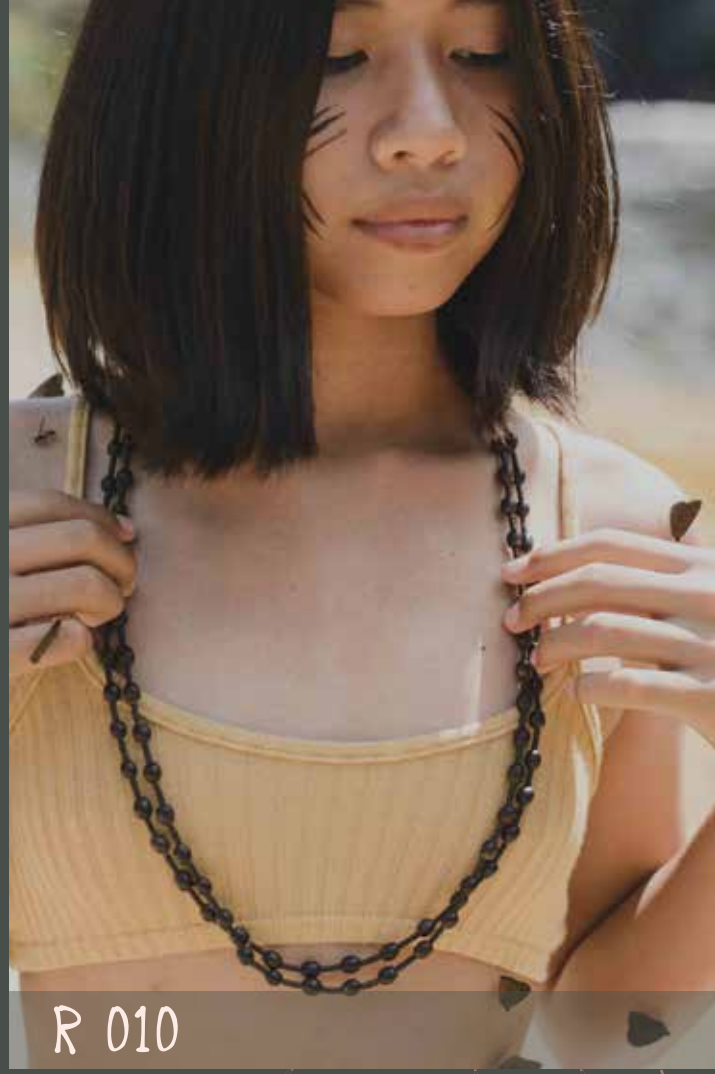
R 005

R 006

R 007

R 008

R 009



R 010

R 011

R 012

R 013

pulseiras

R 014

R 015

R 016

R 017

R 018

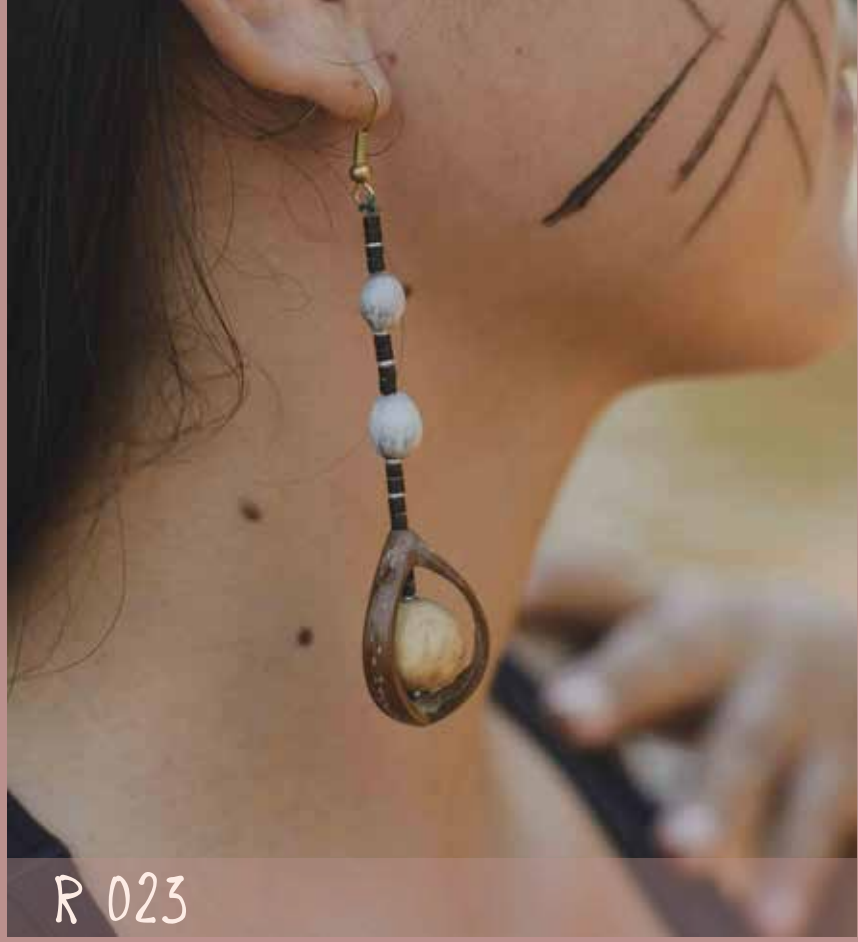
R 019

R 020

R 021

brincos

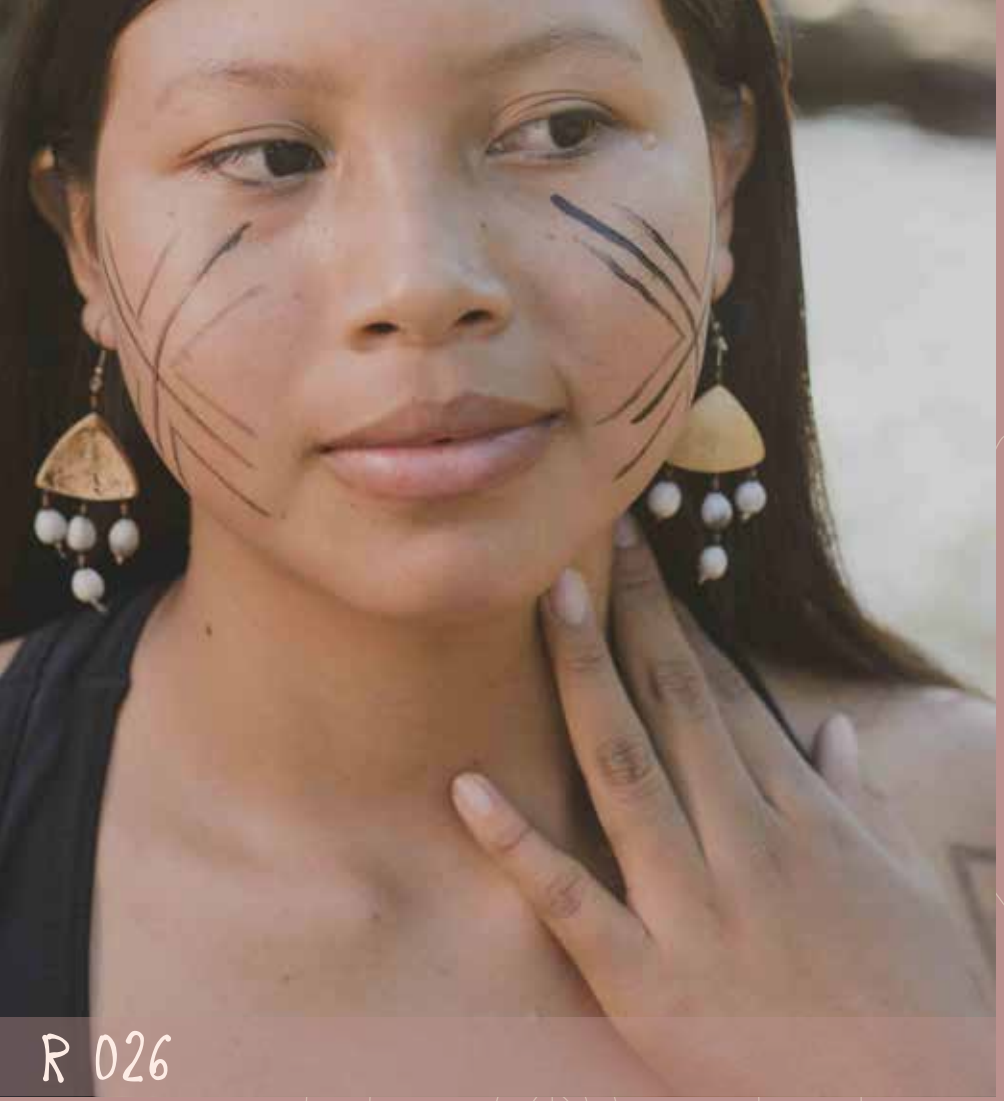
R 022



R 023

R 024

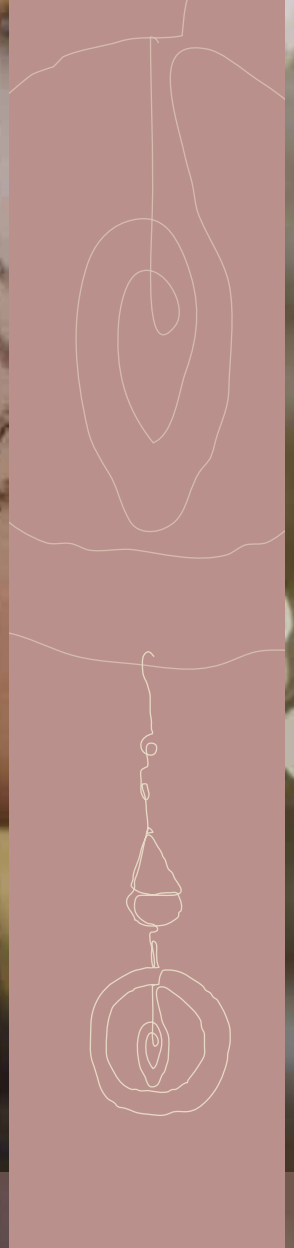
R 025



R 026

R 027

R 028



R 029

R 030

R 031

R 032

R 033

tornozeleiras

R 034

anéis

R 035

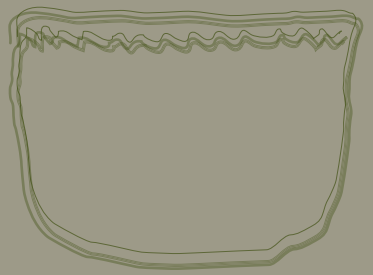
R 036

redes

R 037

R 038

cestaria



R 039

Terra Indígena

SETE DE SETEMBRO

sobre a Terra Indígena

SETE DE SETEMBRO

As mulheres artesãs Paiter Suruí vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, entre Mato Grosso e Rondônia. Pela proximidade com a colonização, esse território é constantemente pressionado de várias formas e a cultura tradicional da mesma forma. Entretanto a língua tradicional, do tronco Tupi e família Mondé se mantém intacta, assim como muitos aspectos importantes da sua cultura milenar, inclusive a produção dos artefatos da cultura material.

Com a demarcação da terra perderam algumas reservas de matérias primas para a produção desses artefatos. Para compensar, as mulheres artesãs se organizam em diferentes aldeias e por meio de replantios buscam suprir essa falta.

No início do mundo, quando os espíritos, liderados por Palóp[1] iam criando tudo que existe, muita coisa diferente ia acontecendo. Gerpati[2], a aranha grande e engenhosa, havia sido expulsa por Palóp[1], para o mundo dos "yaraey" (não indígenas). Antes disso, ela já havia ensinado às mulheres Paiter fiar e tecer as redes, os colares, os cintos, as braçadeiras e as tipoias de algodão. Gerpati ficou lá vivendo com os não indígenas até hoje. As mulheres Suruí nunca esqueceram a arte de fiar e tecer algodão e até hoje suas pequenas e delicadas mãos, praticam com maestria a arte ensinada por Gerpati e materializada em lindos utilitários e adornos.

1. Palóp – o demiurgo, ser supremo, o espírito criador.
2. Gerpati – A aranha.

O espírito do barro, chamado de “Gorpãtih”, dá com generosidade a matéria prima para as mulheres Paiter confeccionarem os artefatos cerâmicos, mas também estabelece regras na hora de ser retirado do fundo dos igarapés, na floresta densa e distante das aldeias. Somente jovens virgens podem retirar o barro que vai encher os grandes “adôs”[3] e serem carregados ritualmente para o local onde serão moldadas as grandes panelas itxira, as lobéa, os itxiringup, as lobeyud, os torakup e outros utilitários tradicionais. Todo o processo deve ser feito com paciência e entre sussurros se for necessário falar. Nada de gritos Se o ritual foi conduzido da maneira exigida pelo espírito Ganhag, toda a produção será linda e não sofrerá rachaduras no momento da queima. Caso contrário, a produção estará perdida.

3. Adôs – Cestaria indígena característica do povo Paiter Suruí, nome na língua materna.

Muito antigamente, o espírito Kadoroti, criado por Palóp, dava fartamente, à pedido desse, todos os lindos adornos e cestarias às mulheres e homens Paiter, que faziam fila para serem brindados com os presentes. Com o tempo passado, aprenderam a fazer tudo e atualmente além de confeccionarem os tradicionais, vão criando novas formas ao gosto da modernidade, pois todos sabemos que a cultura não é estática. Ela se movimenta no tempo.

PRODUTOS

da Terra Indígena Sete de Setembro

colares

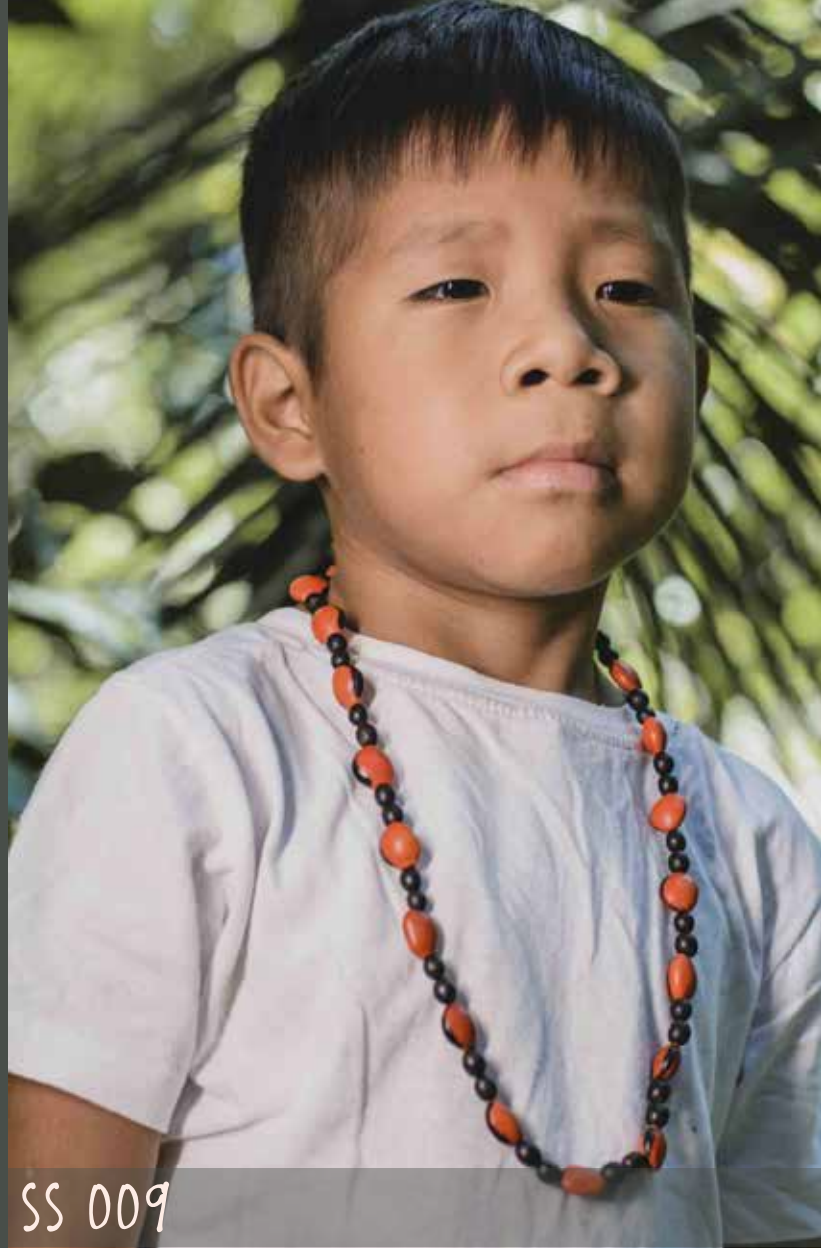
SS 001

SS 002

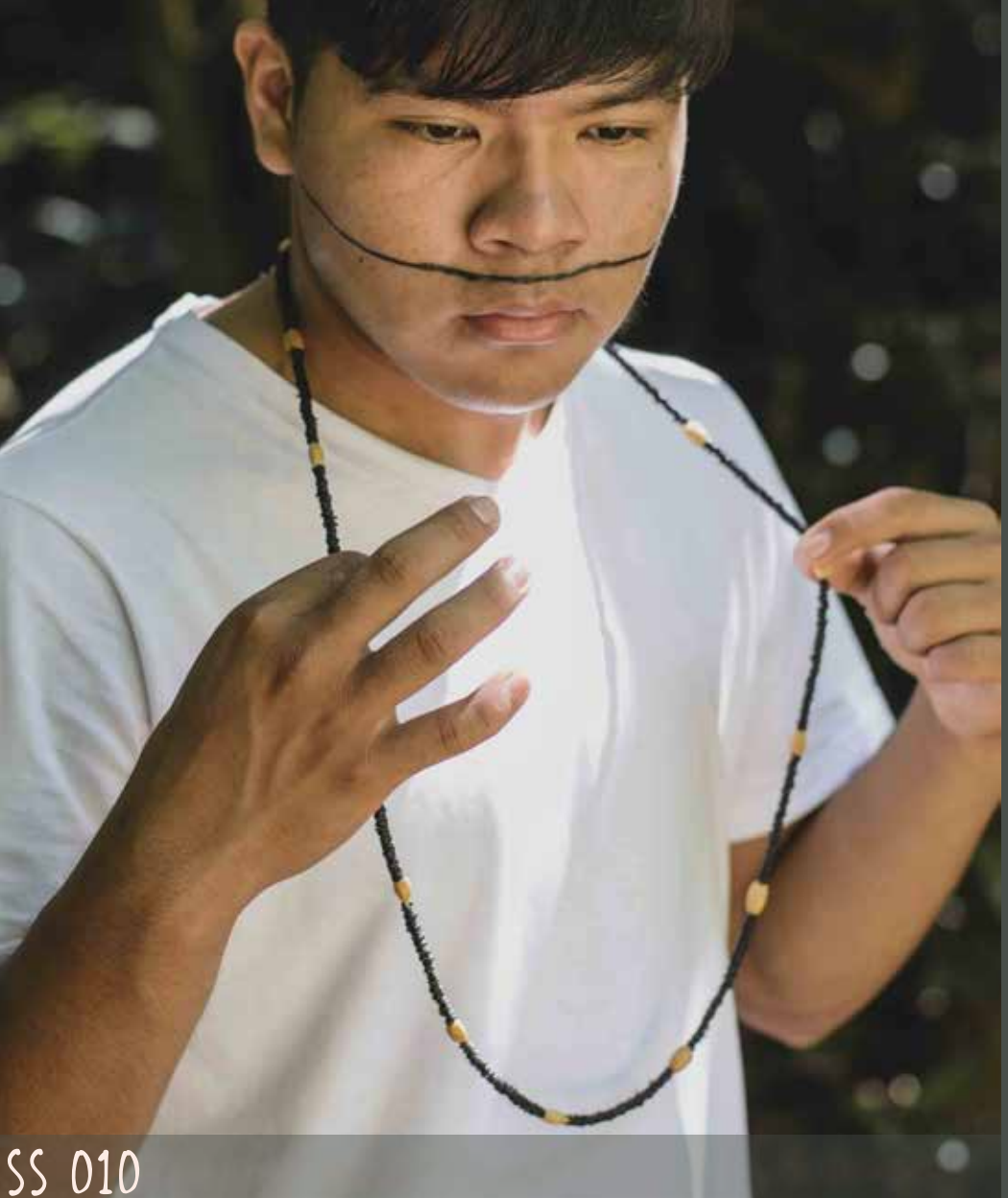
SS 004

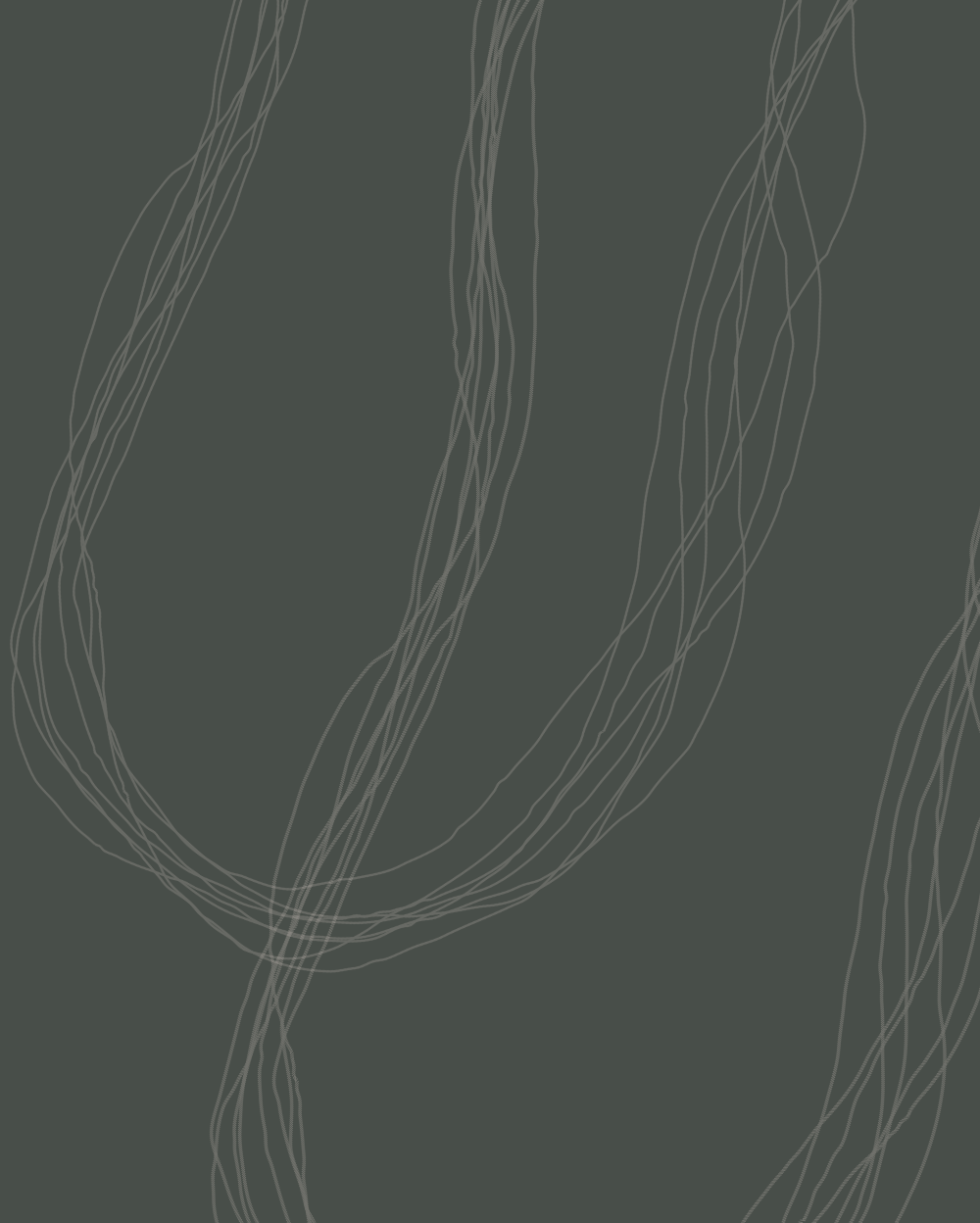
SS 005

SS 008



SS 009





SS 011

SS 012

SS 013

SS 014

SS 015

SS 016

SS 017

SS 018

SS 019

SS 020

SS 021

SS 022

SS 023

SS 024

SS 025

SS 026

SS 027

SS 028

SS 029

SS 030

SS 031

SS 032

SS 033

SS 034

pulseiras

SS 035

SS 036

SS 037

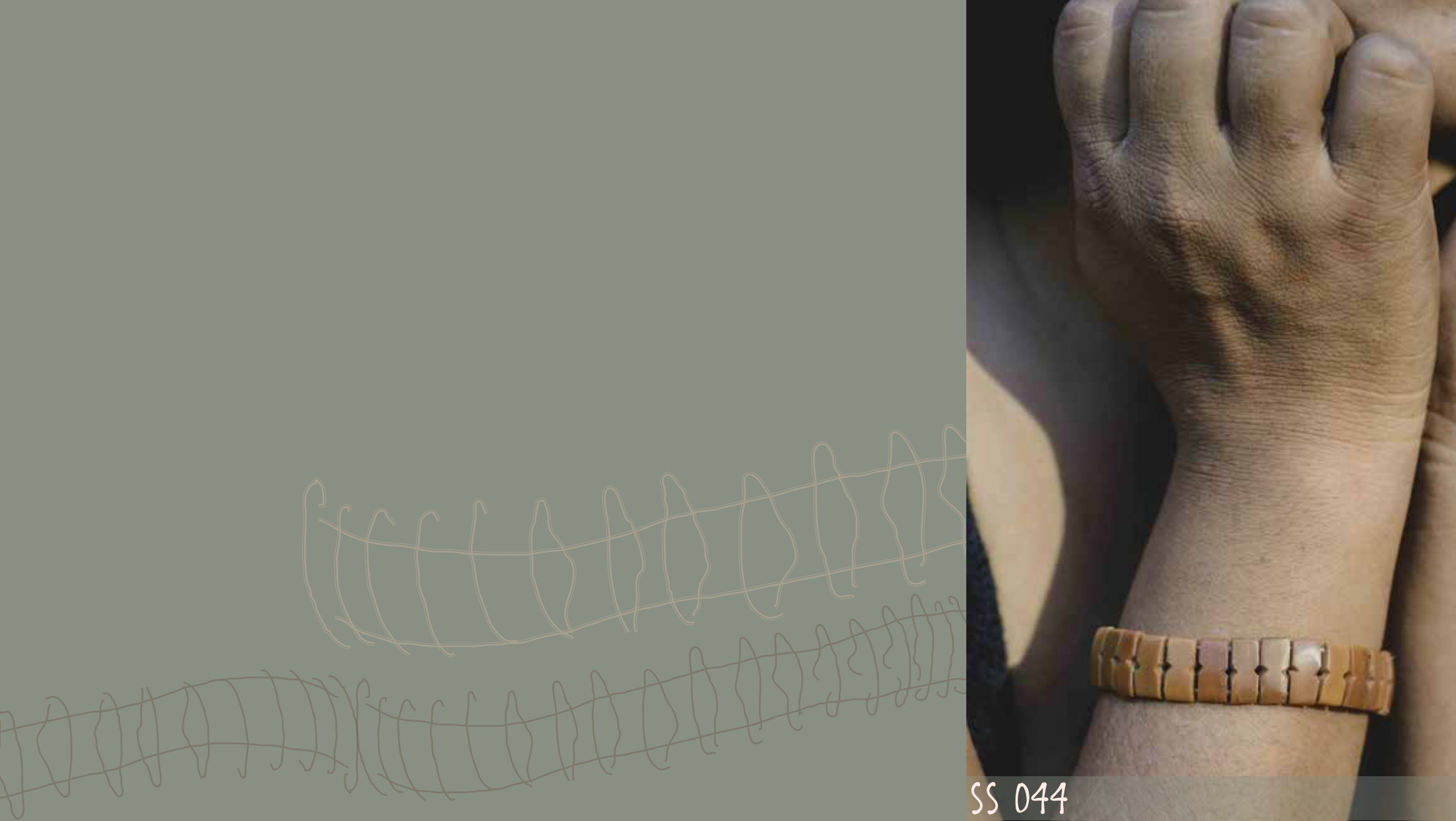
SS 038

SS 039

SS 040

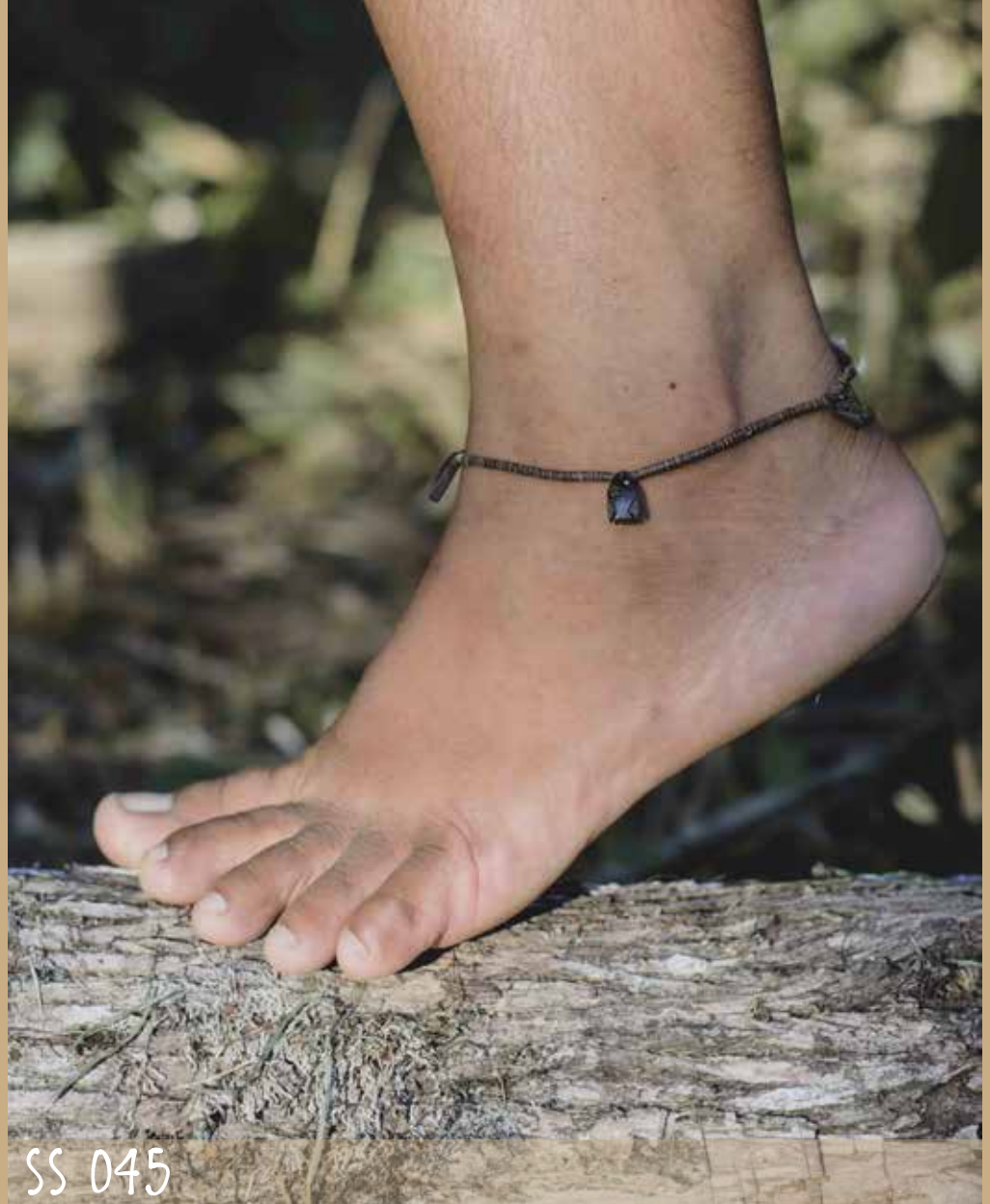
SS 041

SS 042



SS 044

tornozeleiras

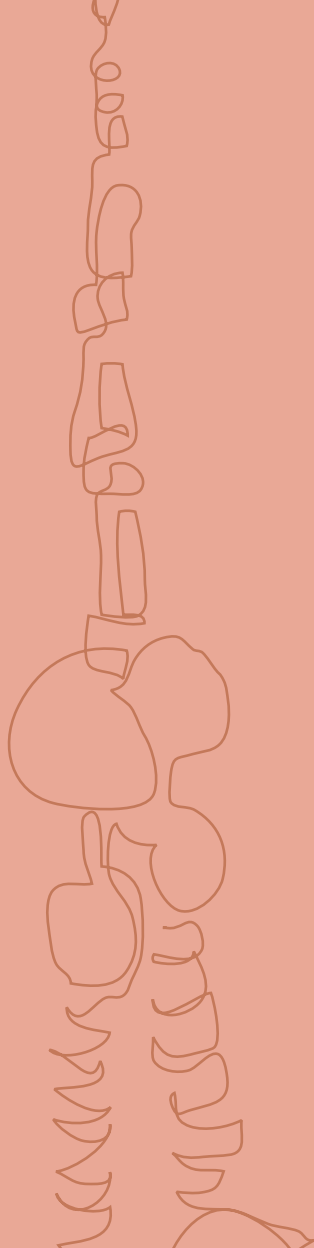

SS 045

SS 046

SS 047

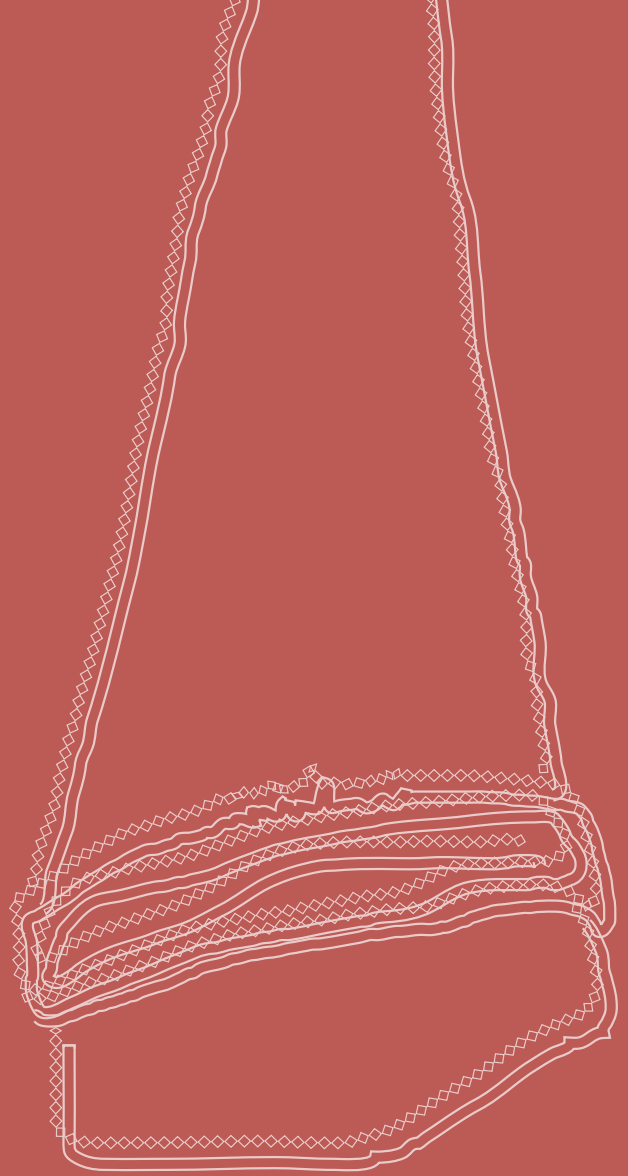
SS 048

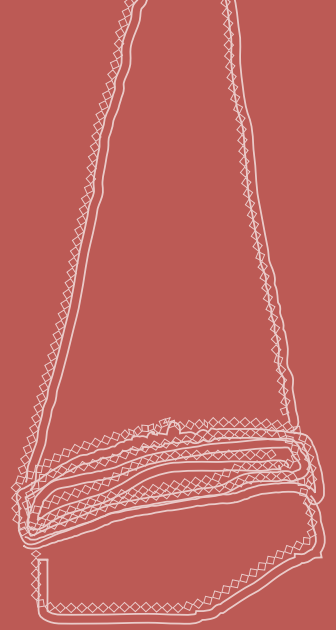
brincos



SS 050

SS 051





cestaria e fibras naturais

SS 052

SS 053

SS 054

SS 055

SS 056

tecelagem

SS 057

cerâmica

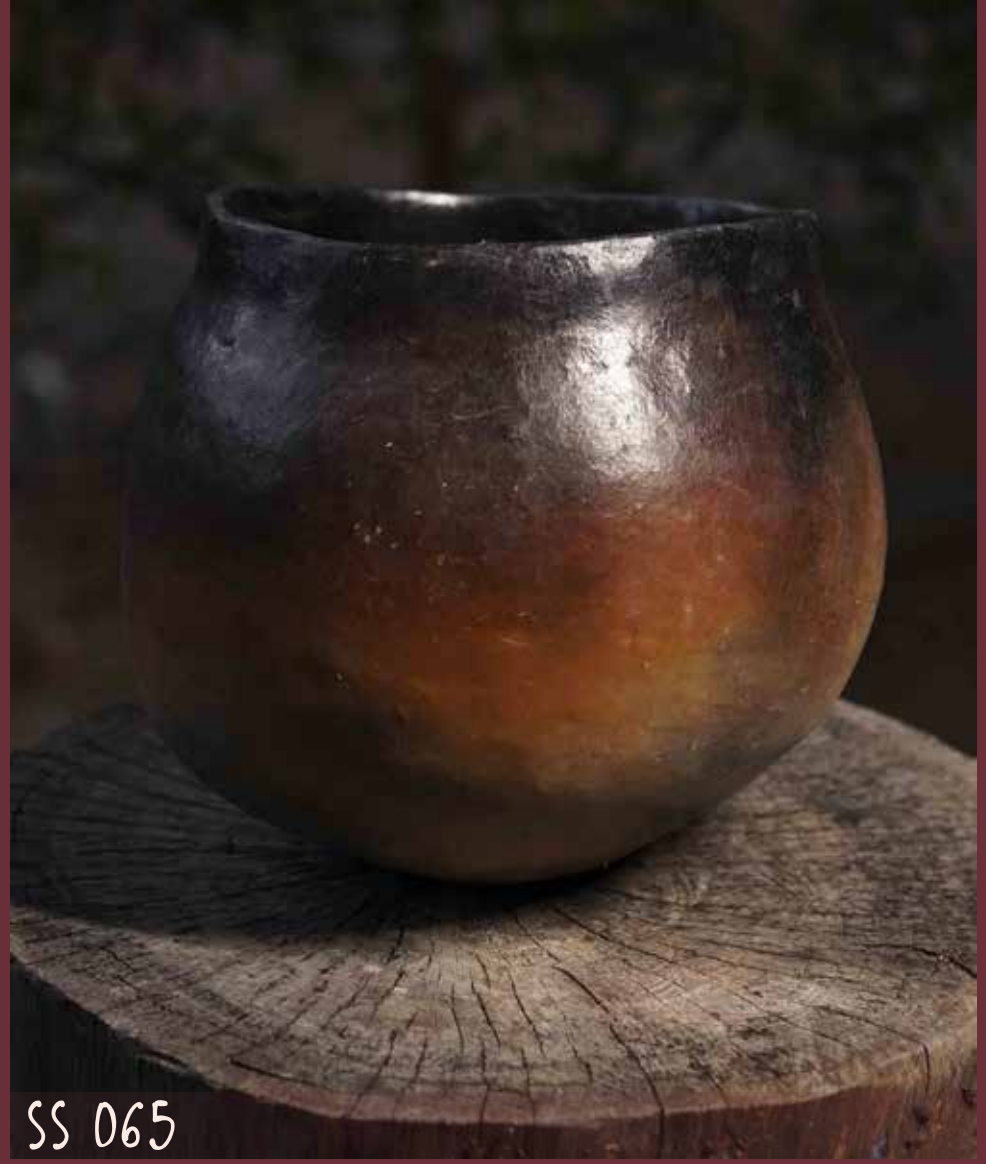
SS 059

SS 061

SS 062

SS 063

SS 064


SS 065

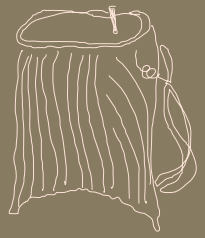
SS 066

SS 067

SS 068

SS 069

Terra Indígena
ZORÓ



sobre a Terra Indígena

ZORÓ

EM 1977 o povo Pangyjēj Zoró foi contatado oficialmente pela FUNAI e noticiado por um importante veículo de comunicação da época, a revista CRUZEIRO, como “os últimos guerreiros da Amazônia”.

Sua língua, como a dos Paiter Suruí e dos Cinta Larga é o Tupi Mondé que embora com grandes semelhanças entre essas, apresenta peculiaridades.

Atualmente, parte da Terra Indígena Zoró sofre com derrubadas, queimadas e invasão madeireira. Como outros povos, de caçadores, coletores e praticantes de uma agricultura sustentável apenas para consumo, abruptamente têm que se adaptar a economia de mercado.

Nessa perspectiva buscam produzir e comercializar produtos da sociobiodiversidade. Dentre esses, a cadeia do artesanato é uma das alternativas mais viáveis e as mulheres se dedicam a essa atividade produzindo lindos e delicados colares, brincos e pulseiras confeccionados com coquinhos e sementes diversas encontradas na floresta além dos diferentes tipos de cestarias utilitárias confeccionadas com folhas da palmeira buriti.

PRODUTOS

da Terra Indígena Zoró

colares

Z 001

Z 002

Z 003

Z 004

Z 005

Z 006

Z 007

Z 008

Z 009

Z 010

Z 011

cestaria e fibras naturais

Z 012

Z 013

Z 014

Terra Indígena

IGARAPÉ LOURDES

sobre a Terra Indígena

IGARAPÉ LOURDES

O povo Arara, que vive na Terra Indígena Igarapé Lourdes, autodenomina-se Arara Karo Rap. Historicamente ocupavam quase toda a região do município de Ji Paraná e viviam às margens dos rios Machado, Riachuelo, Molim e Prainha.

No decorrer do tempo tiveram contato com vários outros povos indígenas e também com os não indígenas. Alguns desses encontros eram pacíficos e outros não. Os primeiros aconteceram por volta de 1900 com seringueiros e missionários. Segundo contavam os mais velhos, tiveram algum contato com a expedição de Rondon no começo do século passado. Após esses contatos e no decorrer dos anos, o povo Arara foi quase dizimado por doenças como gripe, sarampo, pneumonia e malária. A população ficou reduzida a menos de 100 pessoas na época da demarcação do território na primeira metade da década de 80.

Atualmente somam um pouco mais de 300 pessoas e falam uma língua do tronco Tupi e família linguística Rama Rama.

As habilidosas mulheres artesãs Arara Karo buscam na produção artesanal uma fonte de renda e simultaneamente ensinam às mais jovens os processos e procedimentos para a confecção dos adornos e utilitários tradicionais.

As matérias primas para a produção desses artefatos são encontradas na floresta. Os coquinhos tucumã[1] e inajá[2] e as fibras de tucum[3] são utilizados nos colares, pulseiras e brincos. O algodão plantado tradicionalmente nas roças fornece a matéria para a confecção das lindas e confortáveis redes de tamanhos variados.

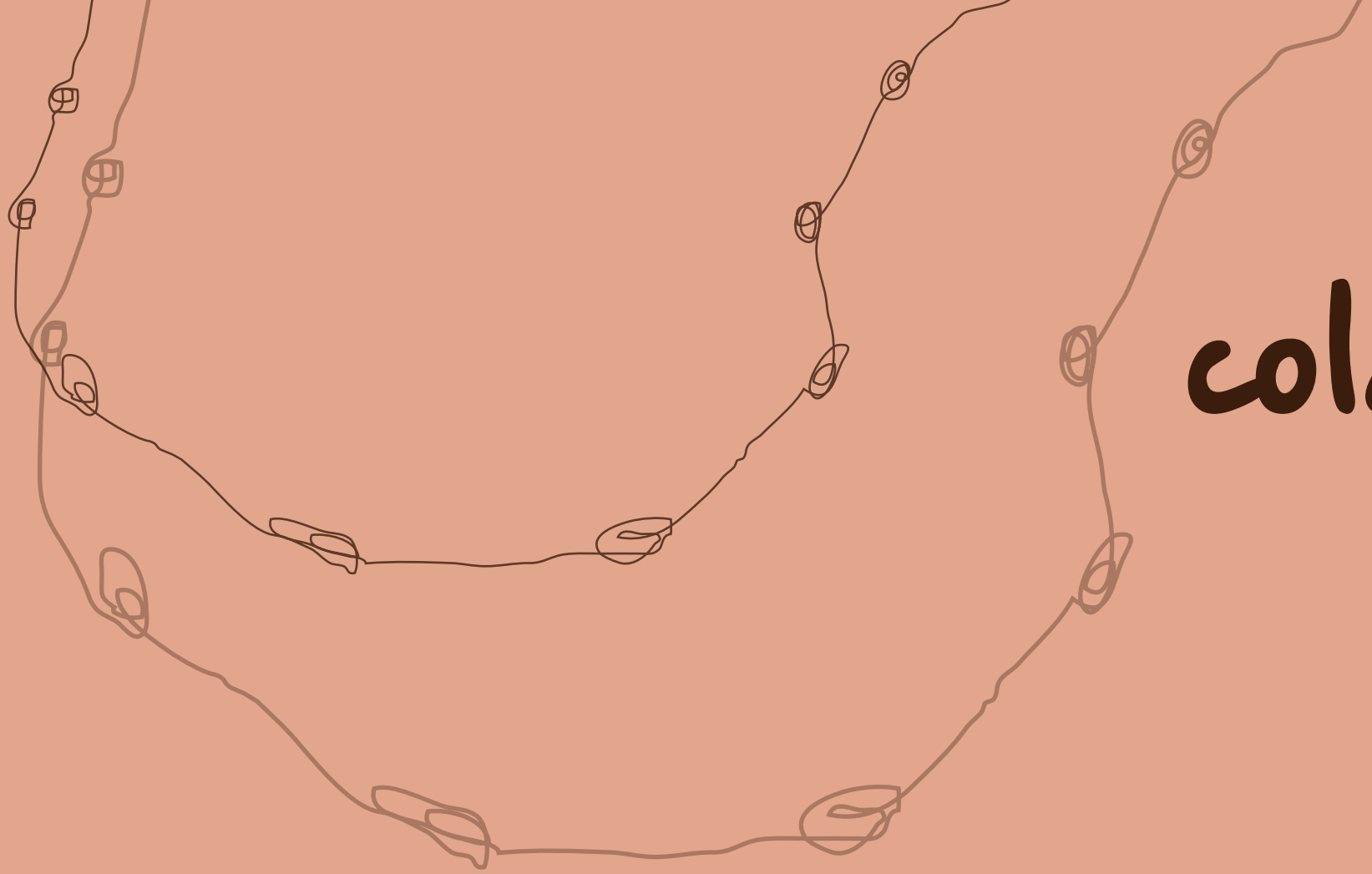
1. Tucumã – Espécie de palmeira amplamente utilizado na região norte como **forma** de alimento e matéria-prima para artesanato e outros fins.
2. Inajá – Espécie de palmeira que produz sementes utilizadas no artesanato.
3. Tucum – Espécie de palmeira amplamente utilizada fibras e sementes na produção de artesanato.

Atualmente utilizam também algodão manufaturado e produzem redes[1] coloridas especiais. Os grafismos tradicionais têm sido utilizados para estamparem e darem um toque especial às diferentes vestimentas femininas e masculinas lançadas ao mercado como marca própria.

1- Observação: Este valioso produto do território não pôde ser registrado até a data de publicação deste catálogo. Para aqueles que estiverem interessados, convidamos a entrar em contato conosco para que possamos enviar imagens atualizadas da produção dessas peças.

PRODUTOS

da Terra Indígena Igarapé Lourdes



colares

Il 001

IL 002

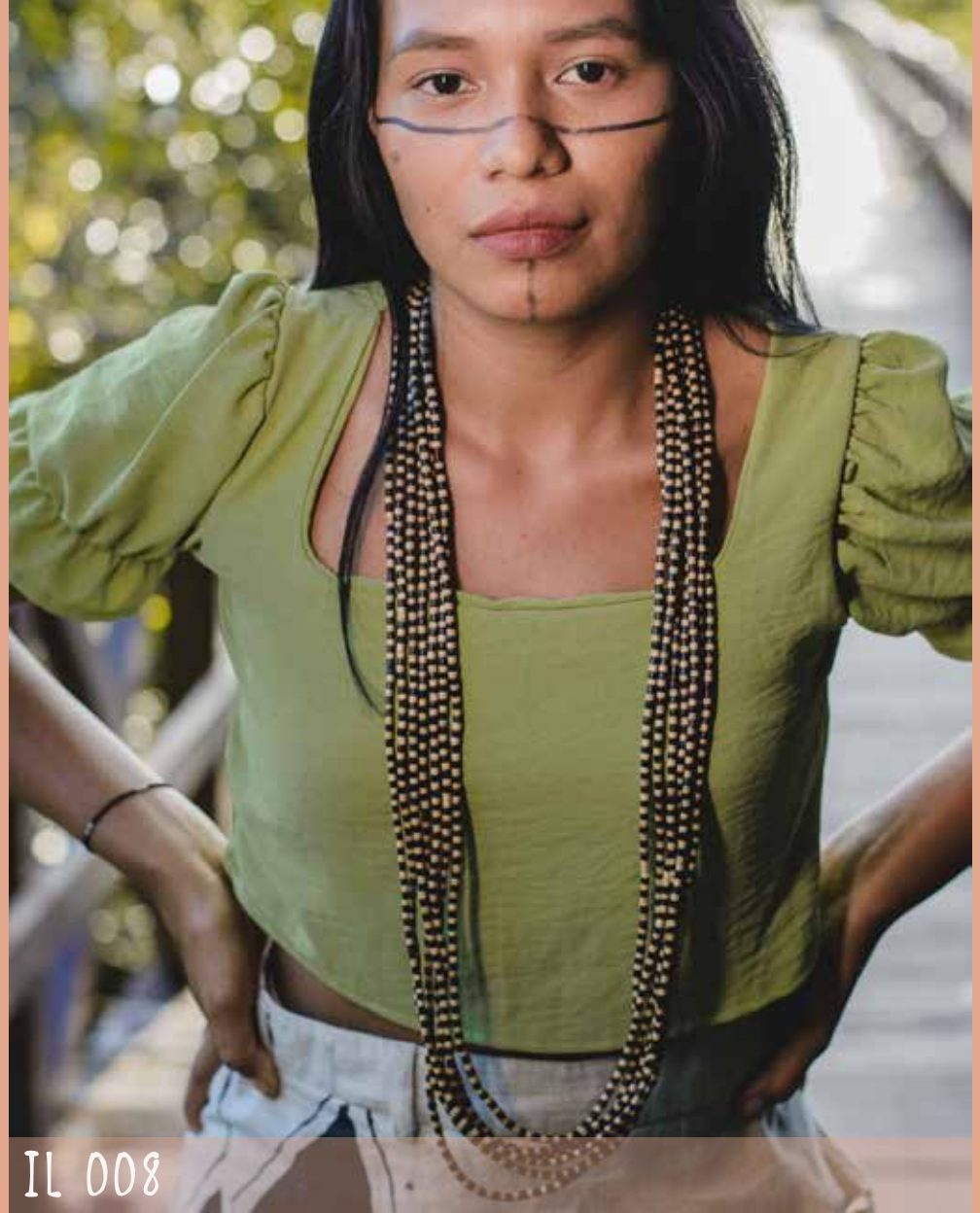
IL 003

IL 004

IL 005

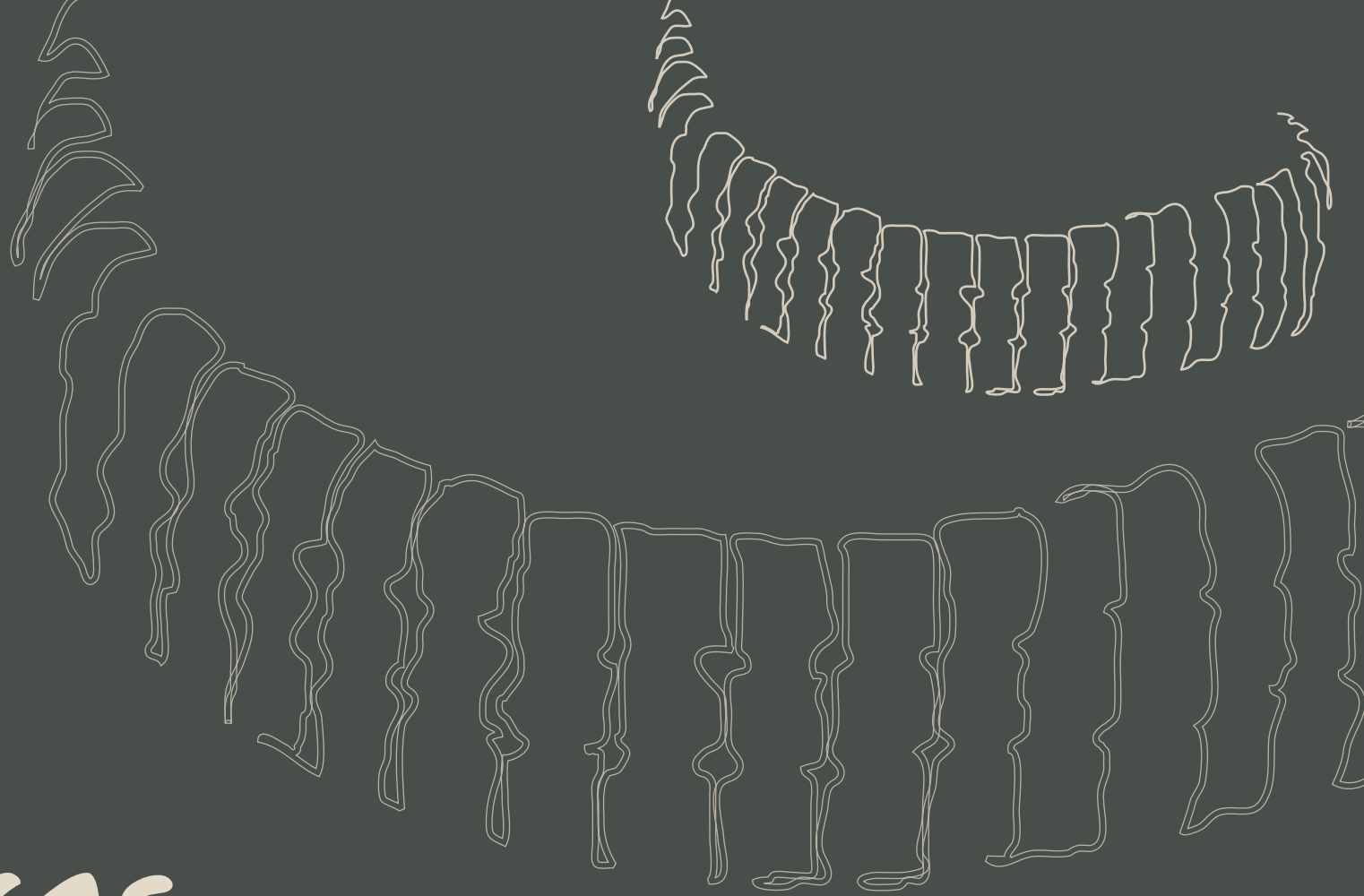
IL 006

IL 007



IL 008

IL 009



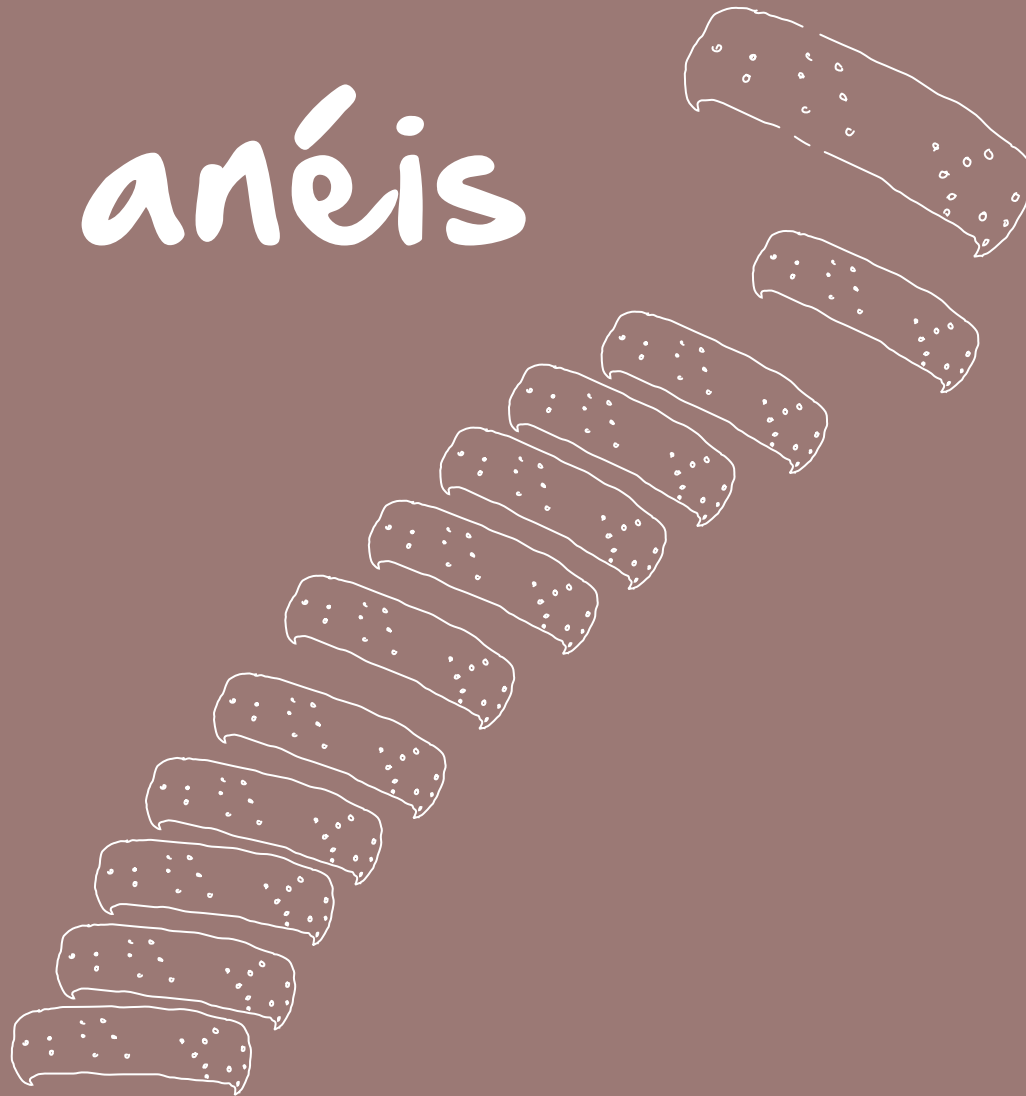
pulseiras

IL 010

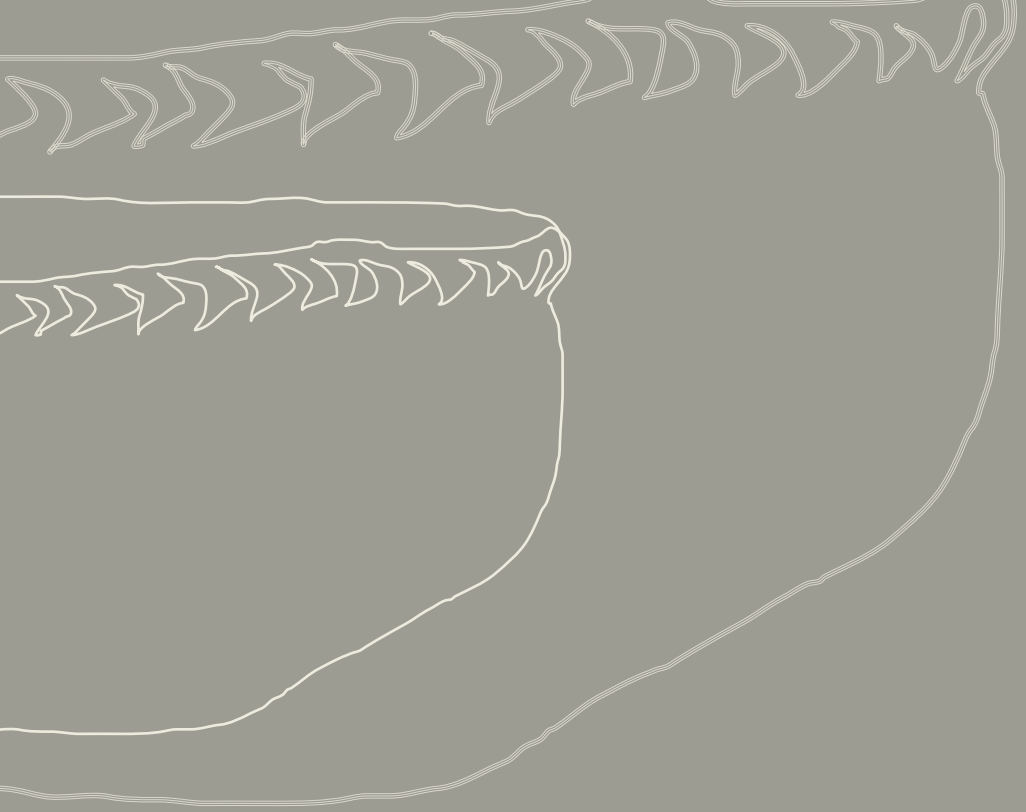
Il 011

IL 012

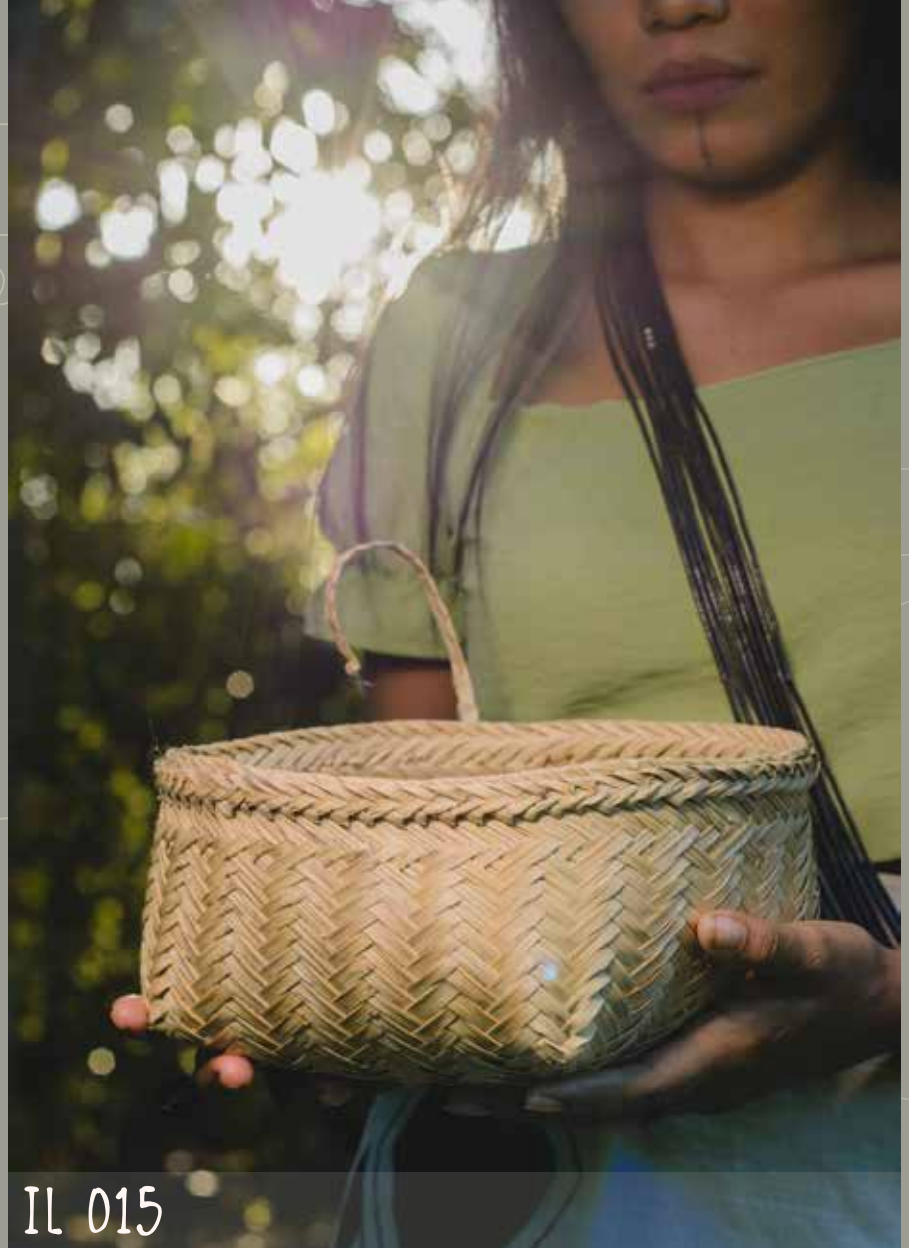
anéis



IL 014



cestaria e fibras naturais



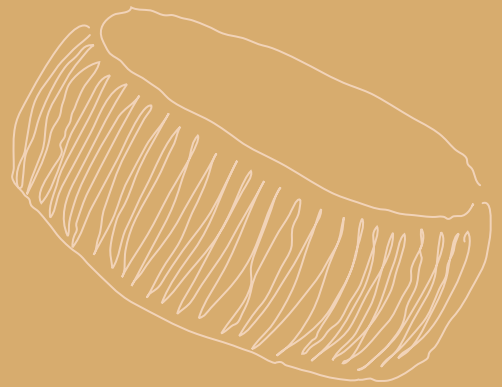
Il 015

Terra Indígena

KWAZÁ DO RIO SÃO PEDRO

sobre a Terra Indígena

KWAZÁ DO RIO SÃO PEDRO



Os Kwazá vivem na Terra Indígena Kwazá do Rio São Pedro no município de Parecis, no estado de Rondônia, cercados e pressionados por grandes fazendas por todos os lados. São poucos numericamente, e têm a sua história mesclada à história dos Aikanã, seus parentes próximos por casamentos interétnicos. Por essa razão, atualmente se sentem confortáveis sendo chamados de Kwazá/Aikanã. Carregam na memória um passado triste de escravidão vivida sob o jugo dos seringalistas que vieram explorar a poáia, o caucho e a seringa e de grandes perdas populacionais pelo sarampo. A conquista de um território próprio é recente e custou muita luta.

Os poucos Kwazá são poliglotas pois falam além da sua língua própria, de família isolada, o português. Entretanto as crianças das famílias mescladas, já não utilizam o Kwazá em sua comunicação e isso indica que a língua se encontra próxima a extinção.

As mulheres eram obrigadas a trabalharem carpindo nas roças dos seringais de sol a sol e se não trabalhassem como era exigido, eram chicoteadas. As mais velhas ainda se lembram de todos os tipos de violência a que eram submetidas. Atualmente, isso faz parte de um passado ainda recente, substituído pela liberdade e prazer de trabalhar para si mesmas, produzindo os artefatos da cultura material dos seus antepassados, cujos processos e procedimentos na confecção vão sendo revitalizados no labor cotidiano.

Provisionadas por matérias primas encontradas na região, como sementes, diferentes tipos de frutos de palmeiras como tucumã, inajá entre outros, as mulheres artesãs continuam mantendo a habilidade para a produção de biojóias, produzindo delicados ornamentos e utilitários aprendidos pela via sábia das mulheres mais velhas. Com as fibras do tucum, produzem belas e bem trançadas bolsas chamadas “maricos” [1] e com diferentes tipos de madeira recriam antigas bordunas que primam pela beleza das formas.

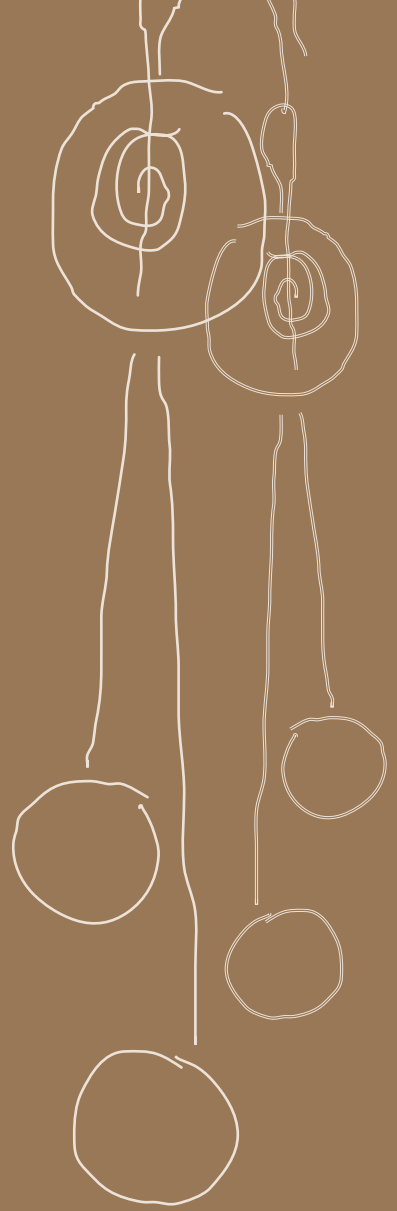
1. Marico - cestos/bolsas confeccionados com a fibra fina do tucum, uma palmeira.

Utilizando fotos dos antigos viajantes que passaram pela região no início do século passado e conheceram os Aikanã e Kwazá com sua cultura íntegra, as mulheres Kwazá, vão recriando as formas antigas em delicados adornos, verdadeiras jóias, como colares e pulseiras, com destaque especial para os brincos, confeccionados com diferentes sementes e coquinhos e diferenciados pela utilização do nácar [2] das conchas de moluscos, abundantes na região em que vivem.

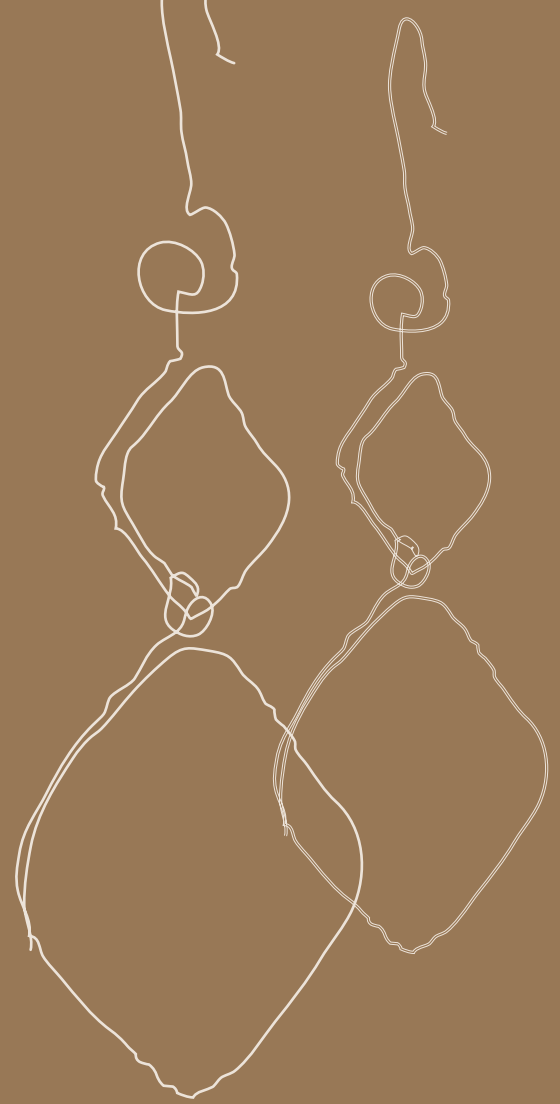
2. Nácar – Também conhecido como madrepérola, é uma substância, dura, irisada, rica em calcário, produzida por alguns moluscos, no interior de sua concha.

PRODUTOS

da Terra Indígena Kwazá do Rio São Pedro



brincos



K 001

K 002

K 003

K 004

K 005

K 006

K 007

K 008

K 009

K 010

K 011

K 012

colares

K 013

K 014

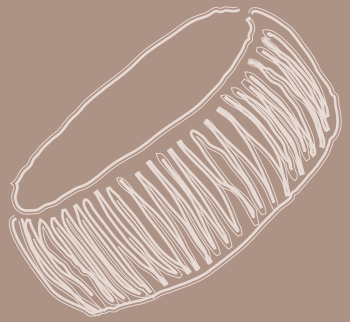
K 015

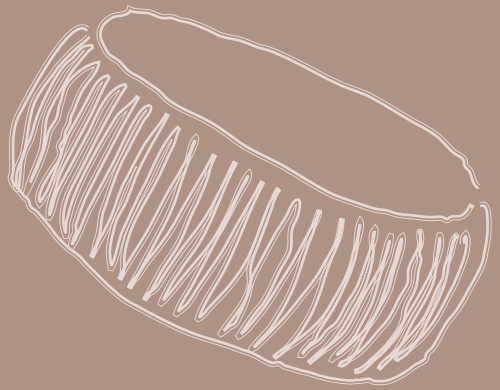
K 016

K 017

K 018

pulseiras





K 019

K 020

K 021

K 022

K 023

tornozeleiras

K 024

K 025

K 026

K 027

cabaças e chaveiros

K 028

K 029

K 030

tecelagem e fibras naturais

K 031

K 032

K 033

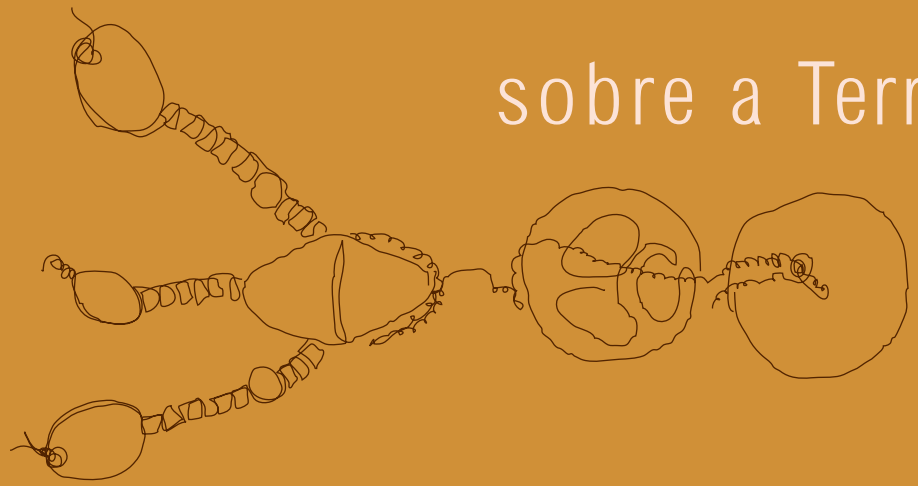
artefatos de defesa

Borduna – Instrumento/arma utilizado para guerras e caça.

K 001
K 035

Terra Indígena

RIO MEQUÉNS



sobre a Terra Indígena

RIO MEQUÉNS

Autodenominados Sakirabiar e Guaratira mas conhecidos genericamente por Mequéns, o povo que vive na Terra Indígena Rio Mequéns no município de Alto Alegre dos Parecis em Rondônia é falante de uma das línguas Tupi e sua história é lembrada mais em anotações de pesquisadores que passaram pela região na primeira metade do século passado, que pelas pessoas ainda vivas nas aldeias.

Como outros povos da região têm seu território pressionado no entorno por grandes fazendas de pecuária e por invasores madeireiros. Estiveram nos seringais e como outros povos foram escravizados, muitas vezes em troca de comida. Sofreram grande perda populacional por uma epidemia de sarampo e atualmente a sua população conta menos de 100 pessoas.

Como era de se esperar, a cultura tradicional impactada por tantas pressões, vem sofrendo grandes perdas, mas as mulheres insistem em manter viva a sua produção de artefatos de sua cultura material. Utilizam os recursos da floresta para confecção de adornos e utilitários que lhes fornecem uma fonte de renda ao mesmo tempo em que revitaliza e fortalece sua cultura.

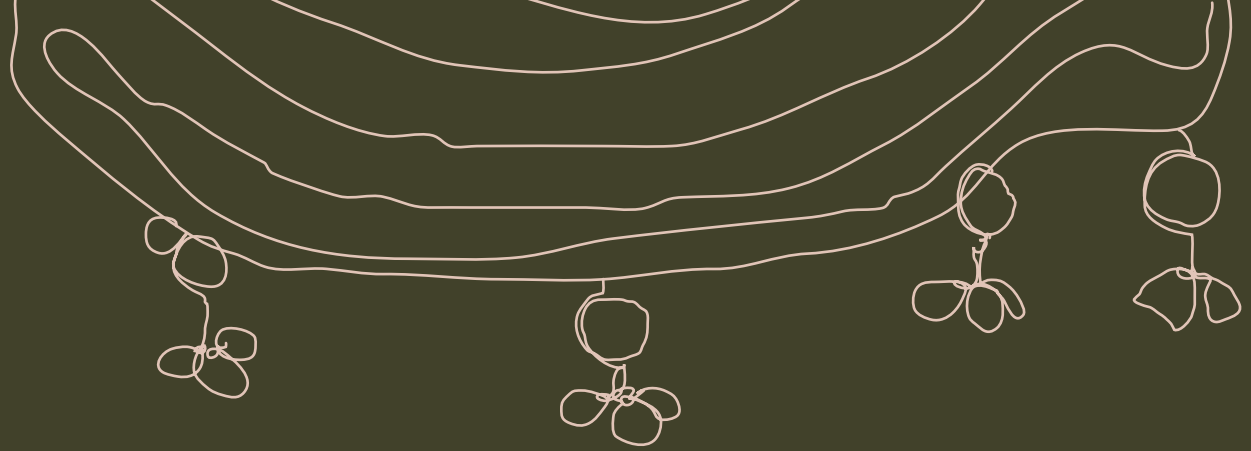
Dentre os adornos como brincos, pulseiras e colares confeccionados com coquinhos diversos, sementes e fibras vegetais, procuram manter formatos tradicionais ousando criar novas e especiais formas que encantam pela originalidade e beleza.

A partir da técnica de confecção dos “maricos” tradicionais, criam novas formas que se adequam à necessidades diversas indicadas pela modernidade.

Marico - cestos/bolsas confeccionados com a fibra fina do tucum, uma palmeira.

PRODUTOS

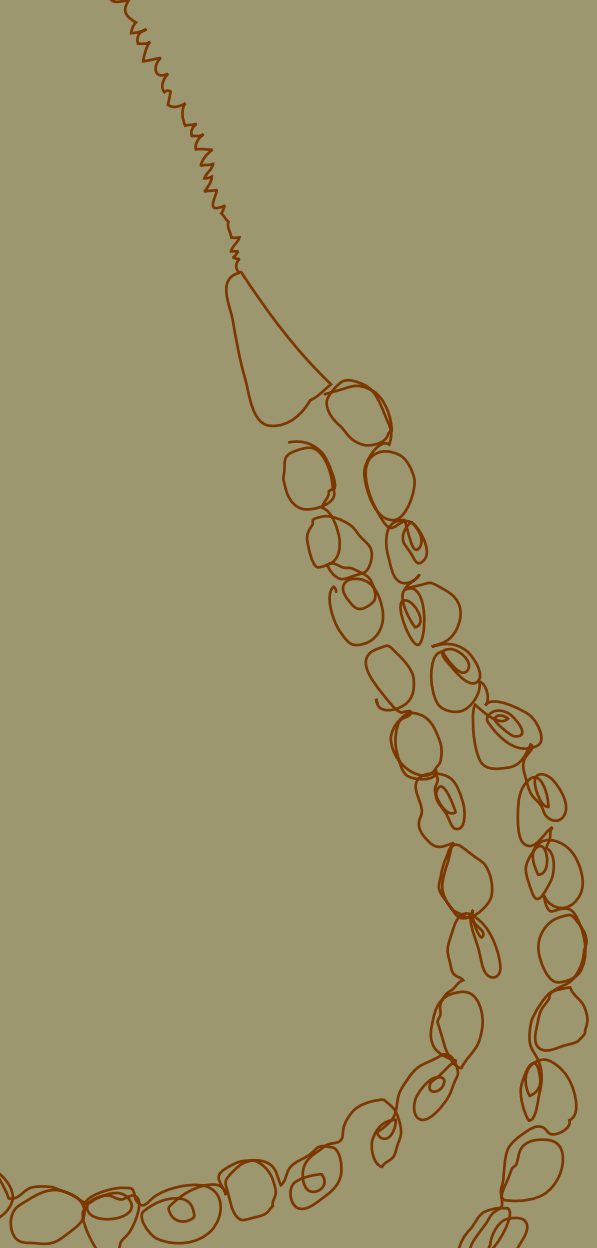
da Terra Indígena Rio Mequéns



tecelagem e fibras naturais

RM 001

RM 002



colares

RM 003

RM 004

RM 005

RM 006

RM 007

RM 008

RM 009

RM 010

RM 011

RM 012

brincos

RM 013

RM 014

RM 015

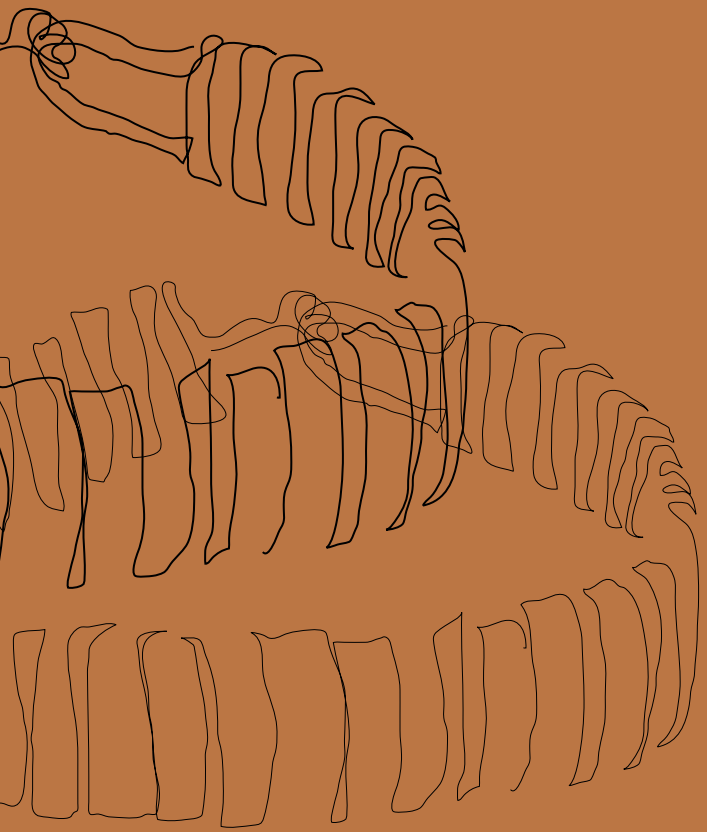
RM 016

RM 017

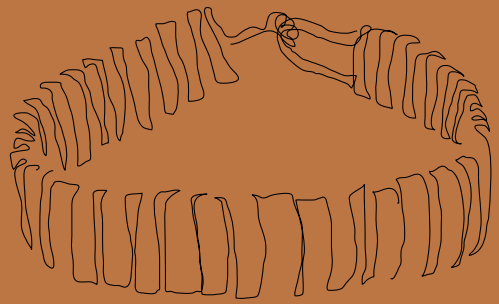
RM 018

RM 019

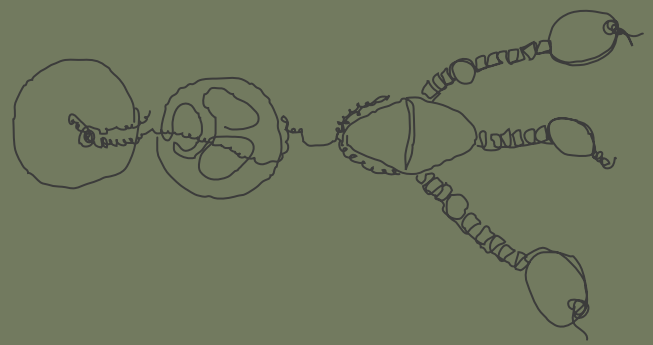
RM 020



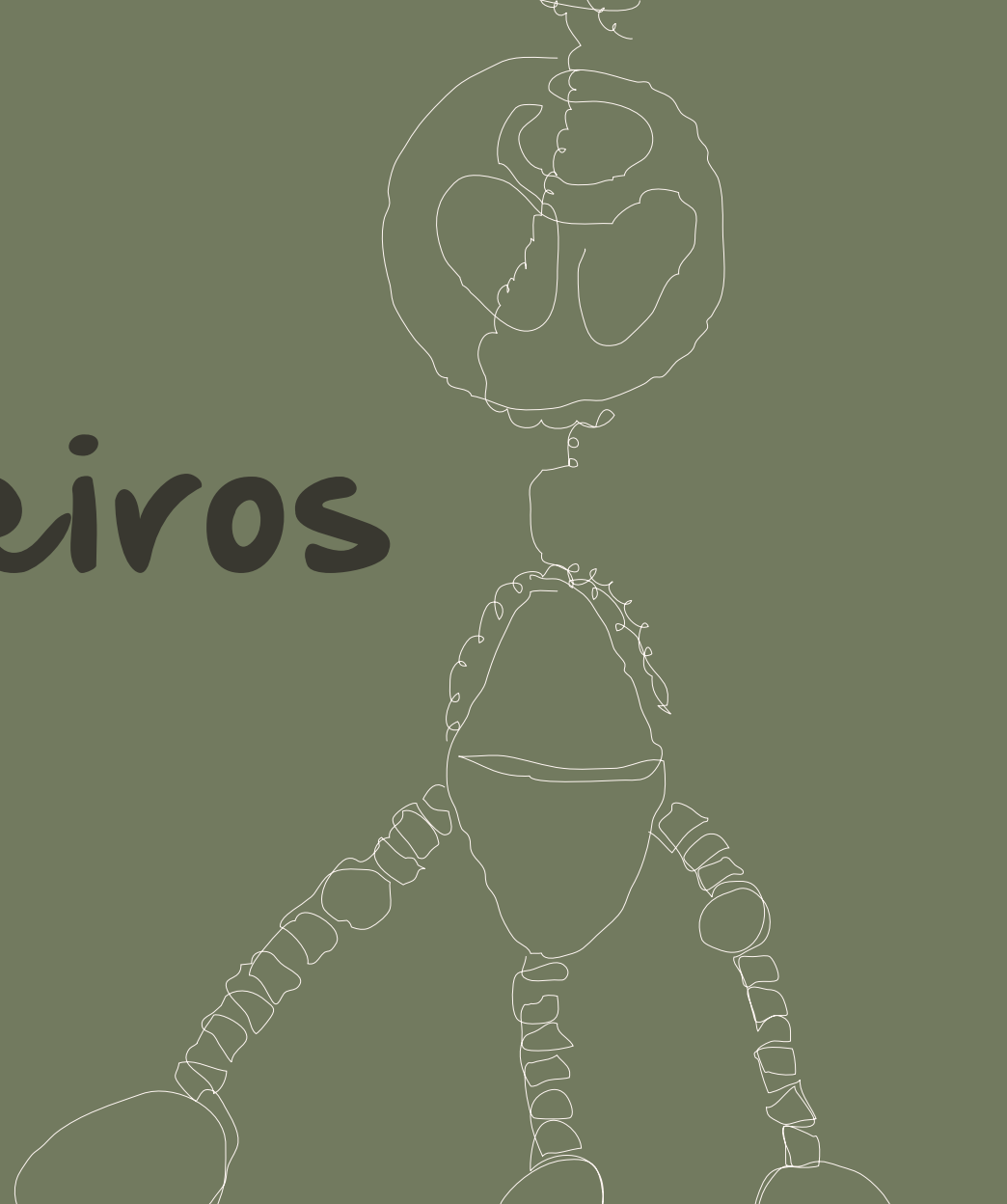
pulseiras



RM 021



chaveiros



RM 022

RM 023

RM 024

RM 025

RM 026

Terra Indígena
RIO BRANCO

sobre a Terra Indígena

RIO BRANCO

A Terra Indígena Rio Branco, cortada pelo rio que lhe dá o nome, é o lar de diferentes povos indígenas que compartilham entre si uma vida pacífica com línguas e culturas diversas. São remanescentes dos povos Tupari, Aruá, Canoé, Arikapu, Djeromitxi e Makurap e alguns Djahui, Ajuru e Sakirabiar.

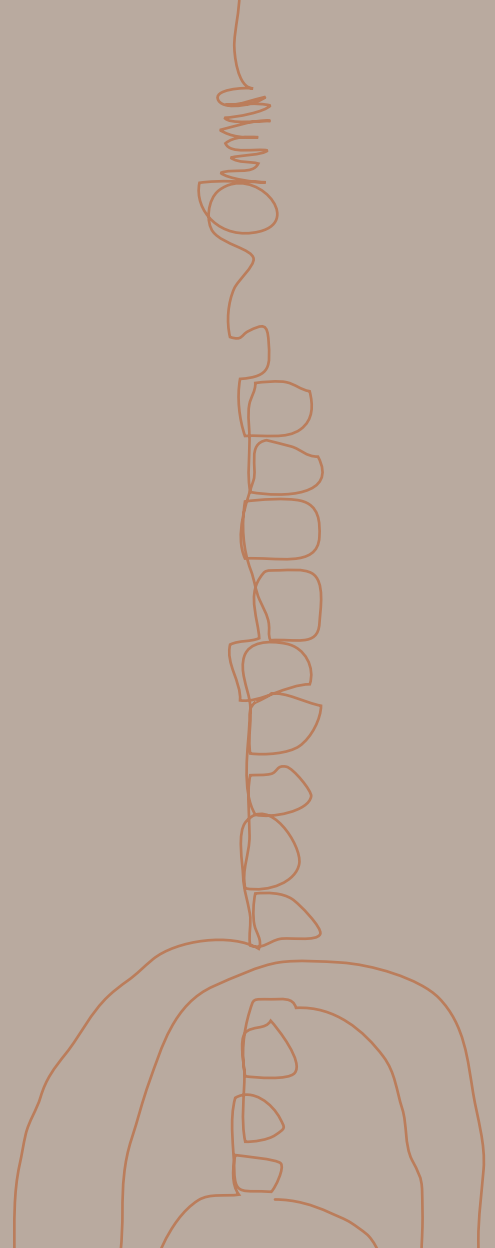
A história desses povos apresenta muitas semelhanças pelo fato de terem vivido juntos o contato com os não indígenas e por muitos casamentos interétnicos.

No enfrentamento conjunto e cotidiano dos problemas, os laços entre esses diferentes povos se fortaleceram, mas é importante considerar, que ainda com muitas semelhanças, são povos distintos. Como a maioria dos grupos indígenas, os anos que se sucedem ao contato geralmente são marcados por epidemias de gripe ou sarampo e outras viroses que causam sempre grande depopulação.

Com os povos do Rio Branco não foi diferente. Embora a pressão no entorno do território seja grande, a determinação em busca de uma governança econômica que visa sua proteção, instiga as mulheres a fortalecerem seu protagonismo por meio da produção artesanal.

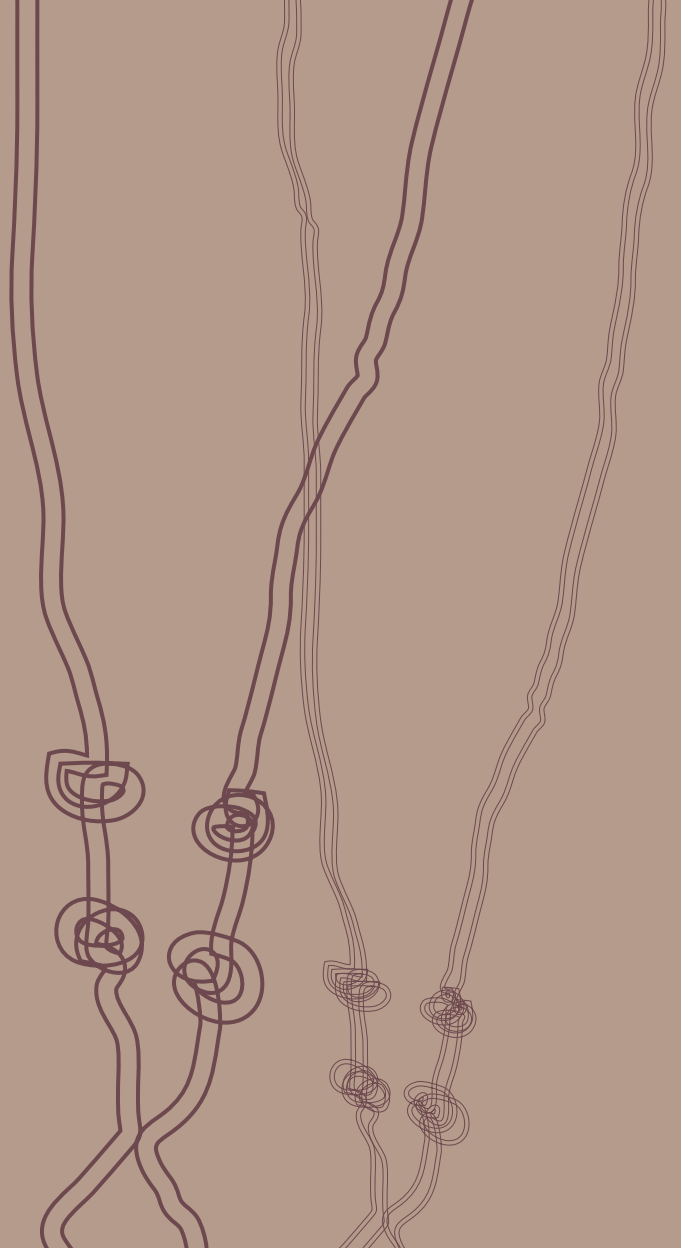
Desse modo, as artesãs do Rio Branco, independente de qual povo sejam, buscam nas memórias ancestrais, as formas que expressam os imemoriais usos e costumes de seus povos, materializados em delicados e resistentes “maricos”, que são cestos/bolsas confeccionados com a fibra fina do tucum, de diferentes tamanhos para diferentes usos.

Nas lindíssimas pulseiras, verdadeiras jóias, confeccionadas a partir de cascas dos coquinhos tucumã e inajá, mesclados entre si. Nos brincos tradicionais de nácar, recriados a partir de documentos fotográficos antigos.

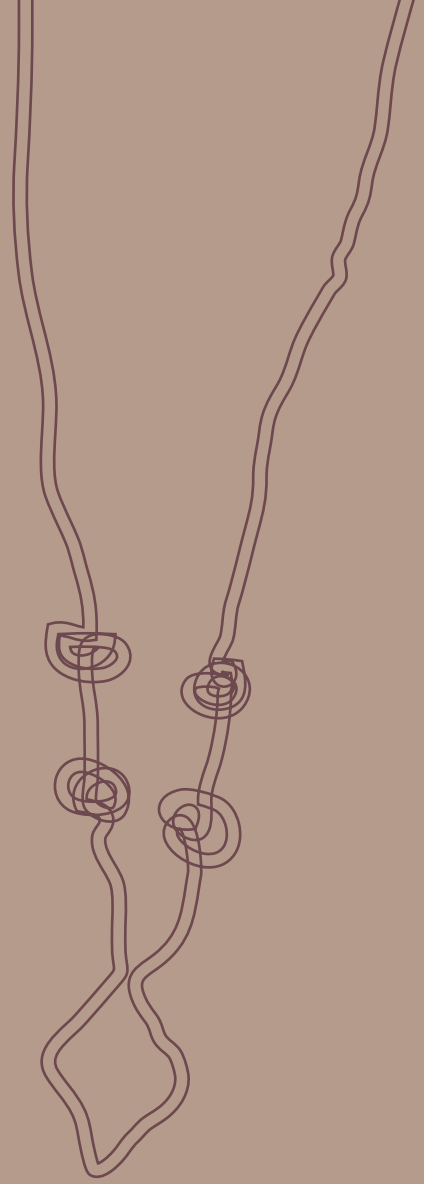


PRODUTOS

da Terra Indígena Rio Branco



colares



RB 001

RB 002

RB 003

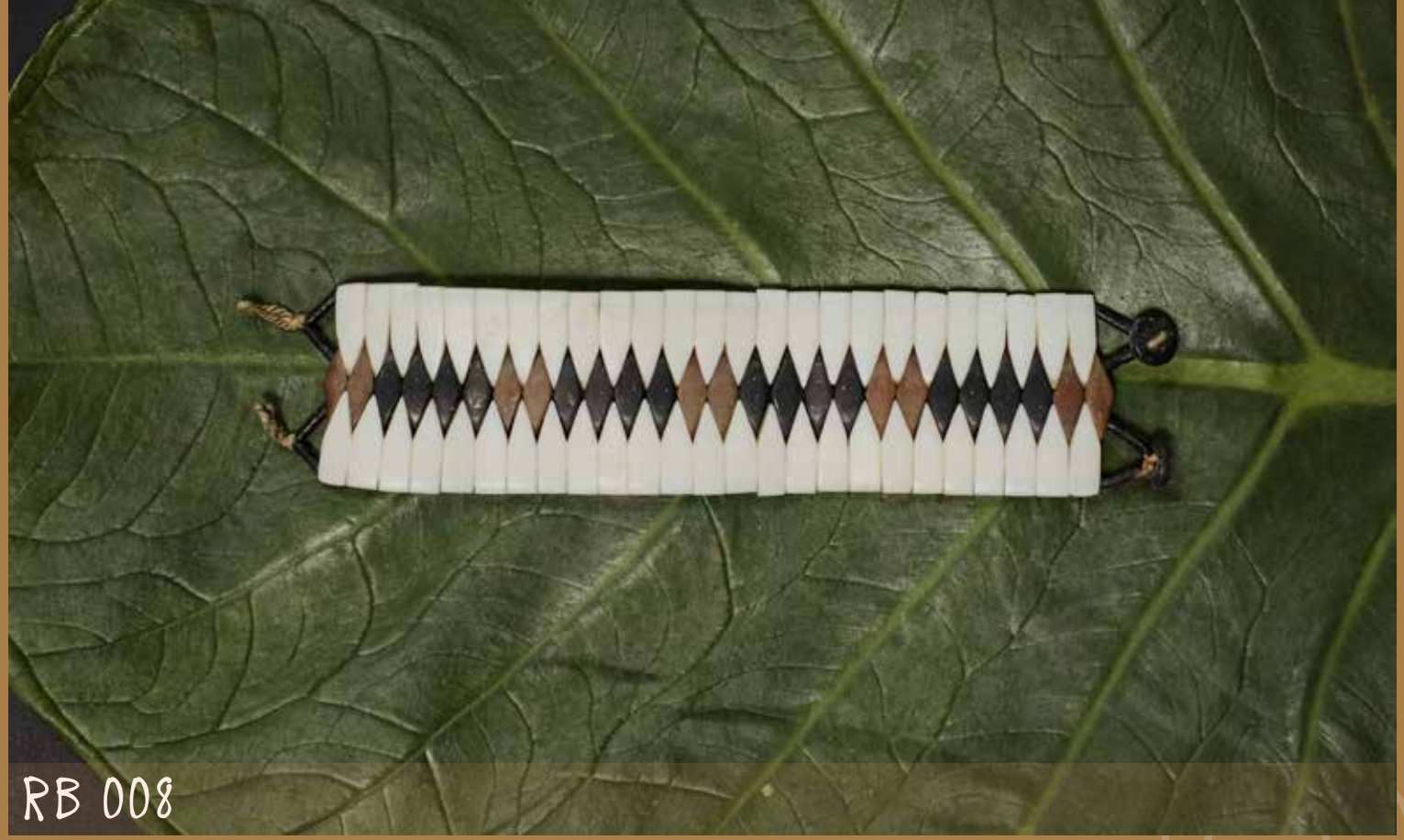
RB 004

RB 005

pulseiras

RB 006

RB 007


RB 008

RB 009

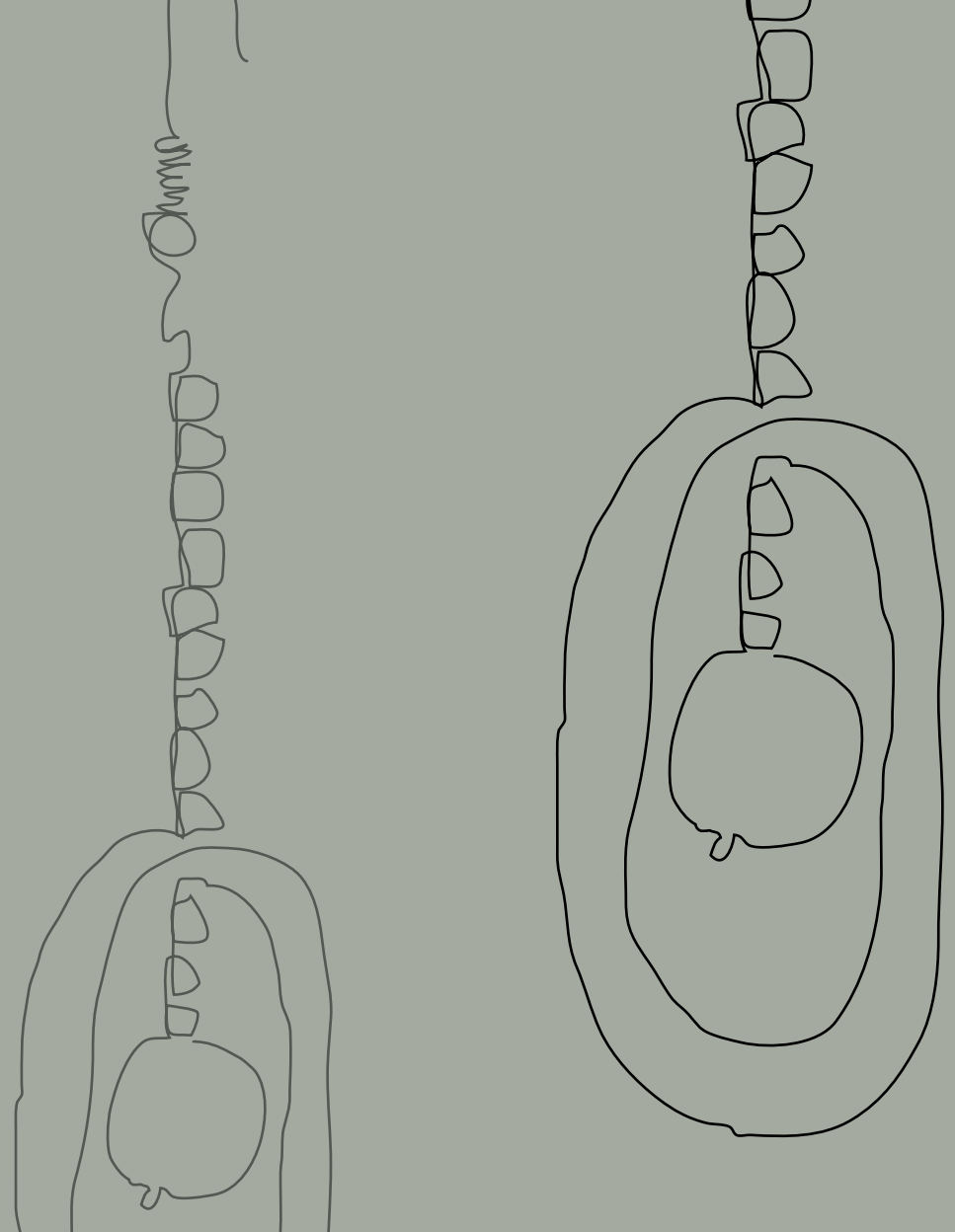
RB 010

RB 011

RB 012

RB 013

brincos



RB 014

RB 015

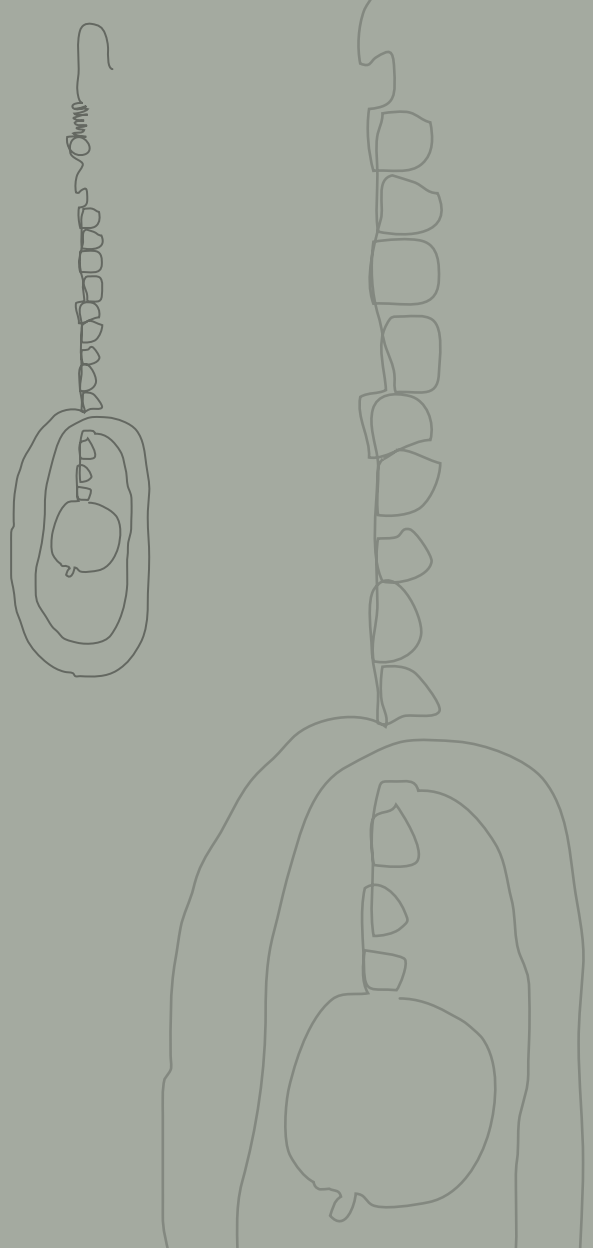
RB 016

RB 017

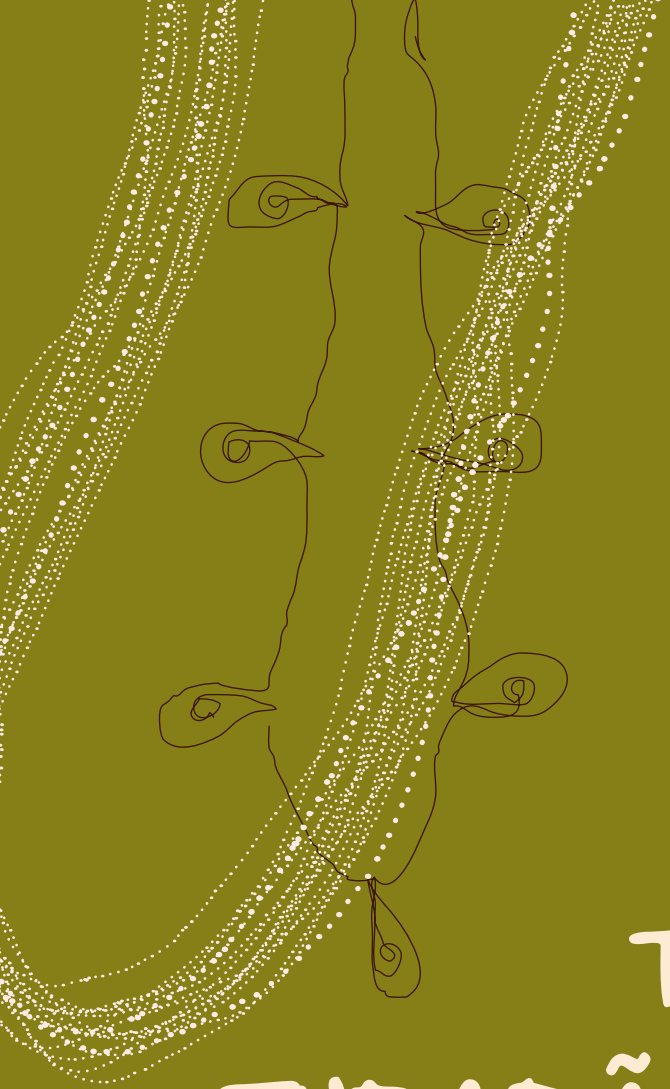
RB 018

RB 019

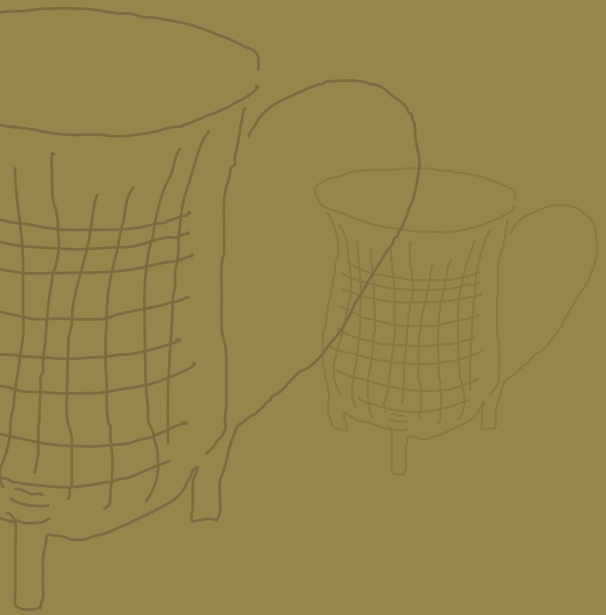
RB 020



RB 021



Terra Indígena
TUBARÃO LATUNDÊ



sobre a Terra Indígena

TUBARÃO LATUNDÊ

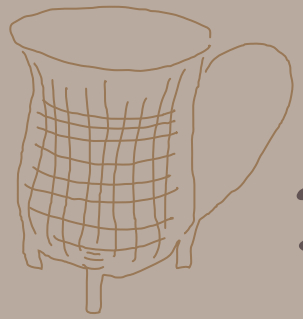
Na Terra Indígena Tubarão Latundê, situada no município de Chupinguaia em Rondônia, convivem os povos Aikanã, Kwaza, Sabanê, Latundê e Mamaindê. Estão distribuídos em três aldeias com prevalência populacional dos Aikanã.

O contato definitivo desse povo com a sociedade não indígena aconteceu em 1940 no contexto de uma expedição que buscava minérios na região, orientada pelo Marechal Rondon.

São poucas e descontínuas as informações sobre a história do povo Aikanã. Sabe-se que antigamente viviam no curso e cabeceiras do rio Pimenta Bueno e Corumbiara no estado de Rondônia e que epidemias de sarampo e gripes, para os quais seus organismos não apresentavam imunidade, levaram a uma grande mortandade entre os Aikanã.

Superando todas dificuldades impostas pela interação com a sociedade não indígena nas suas diferentes facetas de impactos, especialmente o cultural, as mulheres Aikanã continuam produzindo artefatos de sua cultura material que se materializam em cestarias utilitárias de belos trançados, bolsas de fibra de tucum denominadas “maricos”, que além da forma tradicional, recriam novas formas para diferentes utilidades.

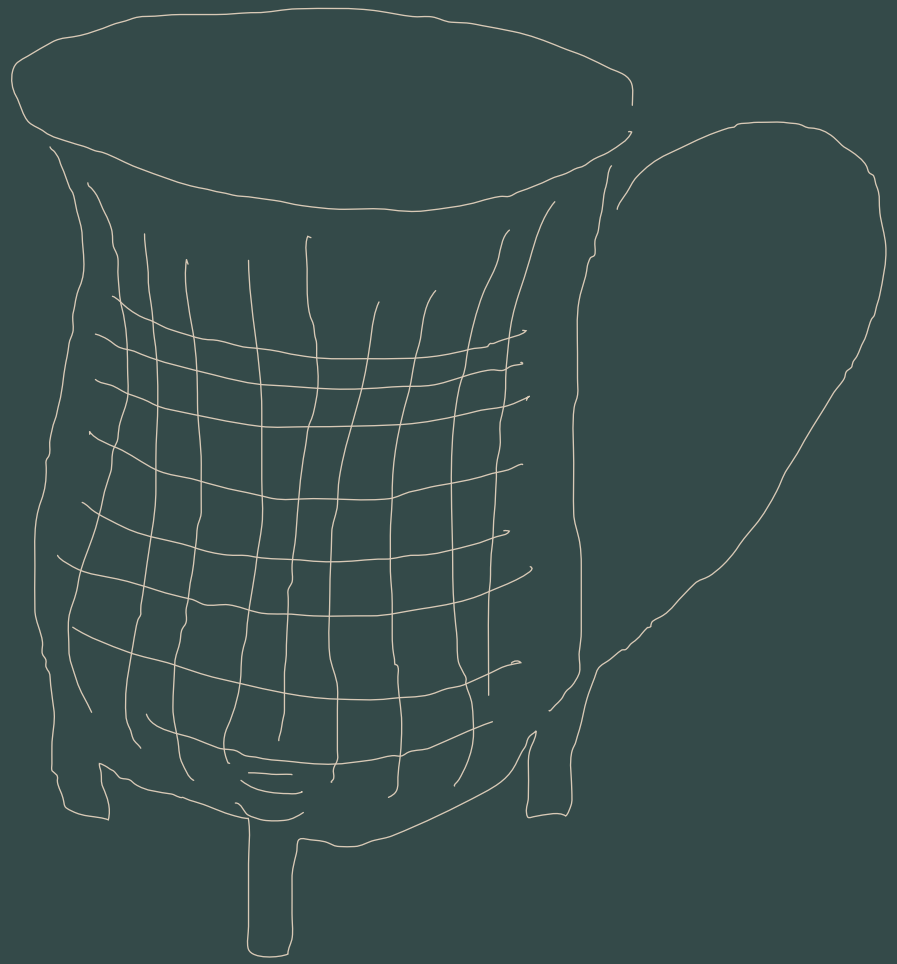
As biojóias como colares, brincos e pulseiras confeccionadas com sementes e coquinhos da floresta, por meio das habilidosas mãos das artesãs Aikanã ganham diversas formas, incluindo pequeninas esculturas de animaizinhos como tatus, peixes, pássaros e sapos.



PRODUTOS

da Terra Indígena Tubarão Latundê

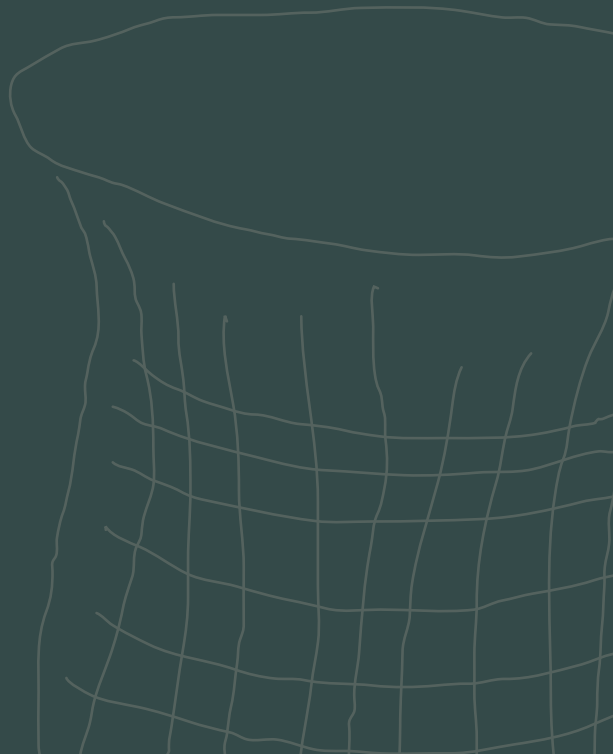
cestaria e fibras naturais



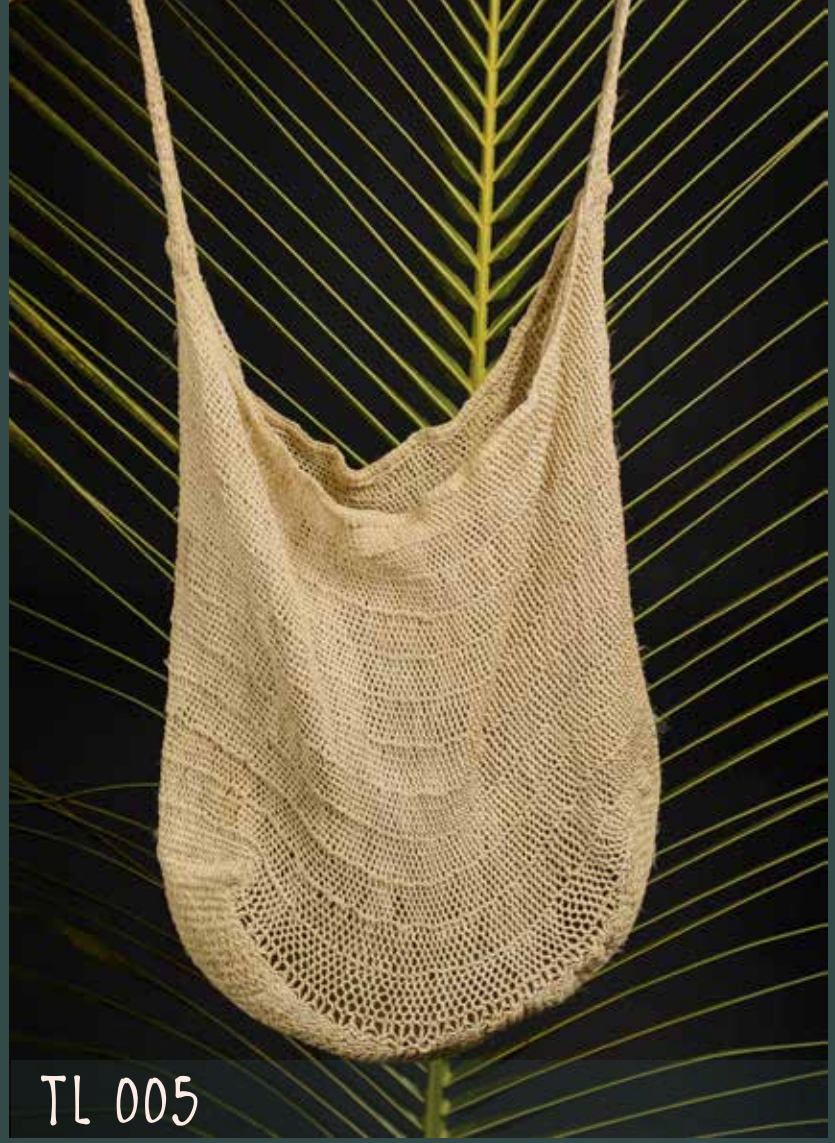
TL 001

TL 002

TL 003



TL 004


TL 005

pulseiras

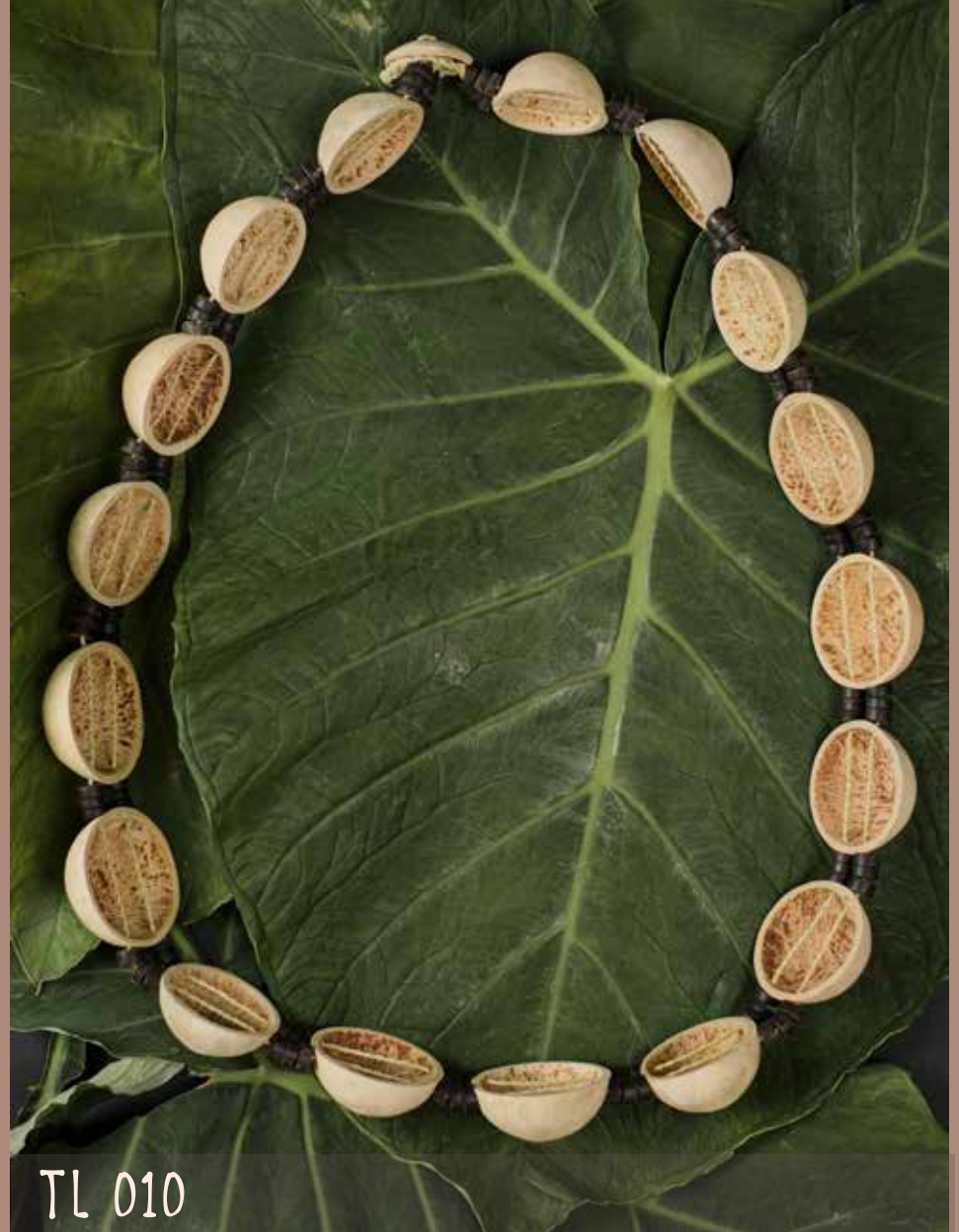
TL 006

TL 007

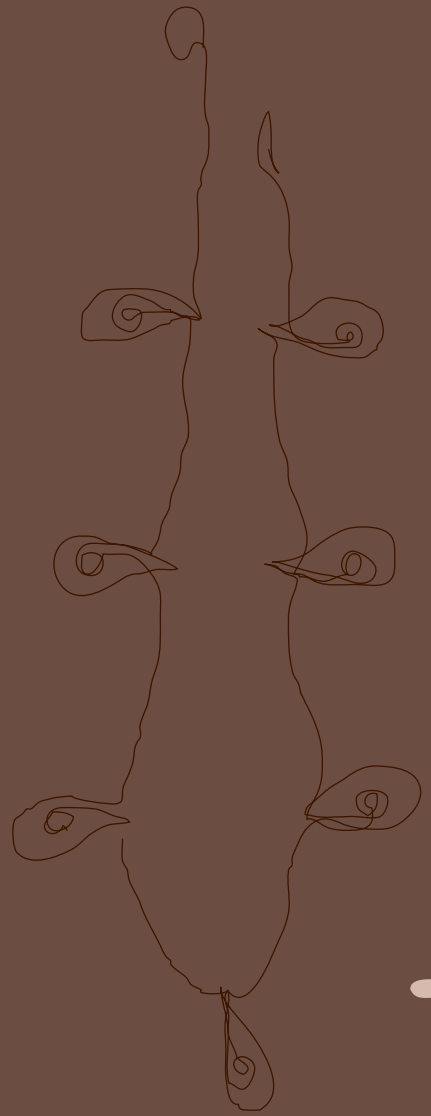
TL 008

cintos

TL 009



TL 010



tornozeleiras

TL 011

colares

TL 012

TL 013

TL 014

TL 015

TL 016

TL 017

TL 018

TL 019

brincos

TL 020

TL 021

Quer saber mais ou fazer sua encomenda?

Entre em contato:

programanfnc@forest-trends.org

Idealização e Implementação

FOREST TRENDS

Apoio

greendata

Parceiros Estratégicos

USAID FROM THE AMERICAN PEOPLE

PPA PARCEIROS PELA AMAZÔNIA

Parceria Institucional

Alianza Bioversity & CIAT

CGIAR

Parceiros Locais

Coletivo Wanzeej Pakup Pit e Associação Patjamaaj da Terra Indígena Roosevelt
Povo Paiter Suruí da Terra Indígena Sete de Setembro
Associações Doá Txatô, Ôtaibit, Waipã e Wi'ti
Associação Dukaria da Terra Indígena Kwazá do Rio São Pedro
Povo Sakyrabiar e Guaratira da Terra Indígena Rio Mequéns
Associação do Povo Zoró (APIZ) da Terra Indígena Zoró
Associação Karo Paygap da Terra Indígena Igarapé Lourdes
Associação Massaká da Terra Indígena Tubarão Latundê

arte: Lica Donaire / ecotore.com.br/design-e-comunicacao